Correio da Manhã

Director — EDMUNDO BITTENCOURT

Impresso nas machinas rotativas de Marinoni

Impresso em papel da Casa P. Prioux & C. — Paris

ANNO VII — N. 2.010 || RIO DE JANEIRO — DOMINGO, 13 DE JANEIRO DE 1907 || Redacção — Rua do Ouvidor n. 117

Edição de hoje 12 paginas

CORREIO DA MANHÃ

Chegada a época da reforma das assignaturas do *Correio da Manhã*, vimos lembrar aos nossos prezados assignantes as vantagens que continuamos a proporcionar-lhes no novo anno de 1907.

Assim, resolvemos, como nos annos anteriores, offerecer aos nossos assignaturas, o abatimento de 5$000 que constituirá o premio.

PREMIO

Será, pois, da seguinte maneira regulada a reforma das assignaturas do *Correio da Manhã*, e cuja importancia nos seja enviada até o fim do corrente mez.

Anno.................. 25$000
Semestre.............. 16$000

Para evitar a interrupção na remessa do *Correio da Manhã*, pedimos aos nossos assignantes que desejem continuar a honrar-nos com a sua confiança que não deixem de mandar-nos as suas ordens até o fim do corrente mez.

Aos srs. assignantes pedimos nos enviem a importancia de suas assignaturas em vales do Correio e entregues ao gerente desta folha, *V. A. Duarte Felix.*

Justa intima

Oito horas da noite.

Pelo menos, o velho relogio de parede, que ha tanto tempo já regulava com o seu tic-tac compassado, o rythmo da existencia naquelle casal tão feliz, o começava a affirmar com a convicção segura de suas sonoras pancadas: den... den... E ainda não acabara a ultima de resoar na sala e lá se ouvia, vindo de longe trazido pelo vento, o tiro das oito — ronco abafado e formidavel daquella féra de bronze que ruge vomitando fumo e fogo e cuja pesante jaula é uma fortaleza, repousando sobre o dorso azulado da nossa linda bahia, como á beira dos lagos do velho mundo, dormiam, em outras éras os soberbos castellos medievaes.

Fóra, na rua, murmura a vida nocturna do arrabalde. Dentro daquella casa, na sala em cujas paredes morrem as ultimas resonancias chronometricas, seis corações humanos batem cadenciadamente: meia duzia de élos vivos, fazendo palpitar isochrona a cadeia da familia.

Neste momento preciso, eis o quadro instantaneo: olhos voltados para albuns e mappas coloridos, desabrocha a puericia as flores da vivacidade e da intelligencia, em duas creaturinhas sentadas á mesa de jantar, em um dos cantos da sala, dentro da mesma rêde estendida de um a outro portal, dormem, amigos até no somno, os dois innocentes symbolos da infancia naquelle lar; á cabeceira da mesa, a juventude, que se tornou maternidade, levantára a cabeça, olhando distrahida para o relogio — que cortava o silencio do ambiente — e mergulhando a alma na abstracção; pé ante pé, sem fazer ruido, acabara de entrar no recinto o chefe da casa: para fazer surpresa não tocára campainha, dera volta á chave de manso e abafara os passos pelo corredor.

Rapida mutação: anima-se o painel.

— Papae! A bençam...

— Oh!... Boa-noite... E ha um arrastar de cadeiras, corpos que se movem, osculos que cantam, sorrisos que bordam perguntas infantis.

Um momento volta o silencio interrompido.

— Quando eu entrei, em que pensavas, minha mulher?

— No relogio...

— No relogio?!

— Sim. Vê que extravagancia!... Estava philosophando. Que differença entre os objectos materiaes que nos cercam e nós mesmos! Quasi não envelhecem, não são como a gente. Aquelle relogio, que veiu novinho em folha adornar a sala da primeira casa em que morámos — lembras-te? era tão lindo!... — é hoje o que era ha dez annos; não se atraza nem se adeanta um só minuto, caminhando os ponteiros com a mesma dextreza e normalidade com que o faziam outrora. Nós... Que mudança! como estamos ficando edosos, hein, meu velho?... Ha dias, eu não te chamei a attenção para uns fios de prata que andavam apparecendo em teu bigode? Pois hoje... descobri tambem um delles por entre os meus cabellos... Vê tu!

Os filhos vão crescendo, a edade nos vae augmentando, as primaveras de hontem não tardam a ser os invernos de amanhã, as rugas breve nos irão pergaminhando a tez assetinada e... daqui a pouco, estaremos engelhados, tremulos, friorentos, com as juntas perras e endurecidas, como as molas gastas e enferrujadas de um machinismo antigo que o tempo desmantelou...

— Ora, ora... Isso dizes tu hoje, por influencia do tal fio de neve... Qual! Velhice é coisa muito differente: eu conheço a edade madura pelo cerebro e pelo coração. Velho é aquelle que não tem mais no cerebro um pharol acceso e cujo coração, em vez de ser a amphora rutilante onde vive a esperança e a crença no amor, é um cinzeiro fosco de apagadas reminiscencias e consumidas desillusões...

Ora, ouve lá si eu sou tão velho como annuncias; escuta o pedacinho que hoje, entre os livros do escriptorio, eu rabisquei na escrivaninha de trabalho:

«AMOR

(A' minha mulher)

Si bem que um poeta definisse sympathia como sendo «quasi amor», ella não é, entretanto, sinão o pedestal sobre que assenta esse colosso formidavel. Quanto a amor... como definil-o?

Sopro divino, poesia da vida, manancial de todas as inspirações, é o halito mysterioso de tudo que existe no universo e a synthese maravilhosa da essencia das creaturas; mas... é mysterio que o mais profundo sabio não elucidará nunca e synthese de que o mais apparelhado chimico jámais fará uma analyse perfeita...

Sentimento multicor, dispersa-se numa gamma intima toda subjectiva, desde a côr branca de neve do bem e da caridade, até o tom negro, carregado, do ciume e da paixão. E' sol que vivifica, mas é sol que tambem cresta e mata; aroma que envenena, veneno que perfuma as existencias...

Perguntar ao homem por que elle ama é indagar da flor por que rescende, do diamante por que crystaliza e da luz por que queima. E perquirir que é o amor é interrogar que é a vida e que é o infinito. Devassar os seus dominios é querer traçar os limites da immensidade azul que nos cobre a cabeça e sondar, palmo a palmo, a illimitada vastidão dos oceanos...

Alma de gigante, muitas vezes encerrada no corpo de um pygmêo, força potente mascarada, não raro, numa fragilidade de grão de areia — tu, amor, és indefinivel, porque, embora unico em principio, varias, entre as creaturas do nada miseravel á grandeza suprema!»

— Muito bem! applaude a esposa. Tiveste phrases de verdadeiro poeta e por ellas te felicito. Amor é tudo isso que disseste. Mas é só isso? Dá-me um pedaço de papel e um lapis; quero agora escrever algumas phrases que me acodem. Tambem eu soube e sei amar! Tu escreveste com o cerebro; deixa-me lançar numa folha o que o coração me dita. Talvez tenhas descripto o amor como os homens o consideram... não sei; vou ver si te dou uma idéa do amor na mulher.

Recrudesceu o silencio. Só o lapis corria nervosamente sobre uma tira branca. Tudo na expectativa. Alguns minutos mais, e o lapis descansa e uma voz doce e fraca lê:

«AMOR

(Ao meu marido)

Sentimento espontaneo, nascido da fibra feminina como a gota dagua da rocha de crystal, o amor é a retribuição das almas á natureza que as creou. E' o tributo que se paga pelo direito de viver e sentir.

E' um senhor despota e tyranno, ao qual as almas se escravizam por prazer; lume em que ellas, como pyraustas, vão voluntariamente queimar as azas de ouro...

Rosario por cujas contas miudas — as lagrimas — rezamos as ave-marias da vida; em que, de espaço a espaço, surgem as camaldulas das dores e em cujo fecho pende, no crucifixo da saudade, a alma apaixonada das mortaes. Caixinha dos segredos da existencia, que, si ao nosso toque de hoje nos apresenta um sorriso que esfusia, amanhã nos mostra, á nossa solicitação, o diamante da lagrima!

Si o sangue tem em sua massa a vida do corpo, o amor tem em sua essencia a vida da alma.

Na creança, que ainda namora o berço e corre campina a fóra atrás das borboletas, o amor é um pharol mago, cuja luz incolor e fria é uma especie de alimento, que tonifica o coração dos paes. Nas adolescentes, elle é o guia gratuito que leva as almas virgens e ignorantes áquella região dourada pelo sol da primavera, onde, para o nascente colleia ao campo dos sonhos, como uma ribeira, a prata das illusões e em que, para o lado do occaso, só divisamos, no extremo da paizagem, o cemiterio das alegrias da terra... Nas que buscam o porto da velhice, o amor é o pallio azulado, grande como o oceano e immenso como o céo, sob a abobada do qual se vêm acolher as almas dos filhos e cu... rão enluarado, reflexo das luzes brilhantes de outrora, respira saudade e desprende perdão...»

Terminou aqui a leitura.

O marido, embevecido, em extase, no enlevo das phrases que ouvia, não pronunciára uma só palavra: fitava a esposa, commovido. As duas creanças, intelligentes e sensibilizadas, entreolhavam-se, aguardando o fim de tudo. Na rêde, os dois pequenotes sorriam, sonhando — quem sabe com que?

A esposa lança á mesa o que escrevera e atira um sorriso aos filhos; brilha-lhe no recanto da palpebra um crystalzinho liquido. E terna, e satisfeita, e amorosa, enlaça o marido num abraço apertado.

Quem vencera no desafio?

Não sei. Mas pela sala, naquella dulcissima hora, desenrolava-se, delicada, ineffavel, encantadora, eloquente na sua mudez deliciosa, delineada como jámais — a pagina branca do amor.

Floriano de Lemos

CELEBRIDADES DE PORTUGAL

O Xico Redondo vae ao Brasil — Num navio ou numa esquadra?

Partidos locaes

Cada localidade mineira tem dois partidos sempre em luta, por causa do governo municipal. Nomes os mais pittorescos, e, ás vezes, ridiculos, designam esses verdadeiros agrupamentos em torno de algum coronel mandão ou doutor desabusado. Os jornaes filiados aos partidos, nas vesperas da eleição, quando mais empenhados estão os co-religionarios e mais accesos os odios, não discutem: descompõem. A linguagem nada respeita; macula, atassalha, de modo que, mais excitadas as paixões, fica a localidade em verdadeira polvorosa.

As senhoras, ao caro, tomam parte na cabala e são partidarias extremadas. Já no imperio havia damas que se diziam conservadoras e outras eram do partido liberal. Grandemente auxiliavam aos candidatos. Nesse tempo, o mandonismo dominava brutal, rancoroso, vingativo, pois o mandão, quasi sempre apatacado *letras gordas*, não admittia que se contrariasse a sua vontade. A historia de muitas localidades conta elevado numero de victimas que, por senhoras, mettiam-se em tundas de mão de mestre, quando não caiam varadas pelas balas da tocaia. O regimen vigente diminuiu em muito o terrorismo, implantado pelo mandão, contra o qual já hoje a imprensa investe e grita.

Ao presente, ha propriamente o chefe, que é o faz-tudo no municipio: é quem dá as cartas de empenho, quem dirige os pleitos, quem *marcha* para a *caixa* do partido, quem colloca os protegidos. Quasi todos os deputados são chefes e encontram dedicações até ao sacrificio.

A eleição municipal é a preoccupação dos partidos. Não se imagina a animação em que ficam os partidarios: só se vendo como elles cabalam, desenvolvendo uma actividade espantosa, fazendo calculos, escrevendo cartas, despachando positivas. Na casa do chefe é um continuo entrar e sair de cabalistas. No dia do pleito, nem sempre calmo, rondam as secções uns sujeitos de respeitavel catadura, *malndos* «fazedores de serviços», que, num *átimo*, conseguem o malungo «descer sereno na fumaça da polvora». O partido vencedor não dispensa passeiata, funccionando a banda de musica partidaria, porque até as charangas são *politicas*. Nessas occasiões os vencidos são vaiados a foguetes de assobio; os passeantes berram estridentes «vivas» e «morras»; a rhetorica dos discursos bombasticos expande-se á larga, e na residencia do chefe ha cerveja em abundancia. Dias e dias, não se fala de outra coisa, e nos jornaes trocam-se desaforos d'escachar. O partido, que venceu, uma vez de posse dos cargos municipaes, demitte, sem appelo, os funccionarios do partido vencido.

Taes cousas muito concorreram, até certa época, para o acirramento de malquerenças, hoje apenas adormecidas em algumas localidades, porque em outras ellas continuam. O nome de «jagunços» e o de «jacobinos» são os mais usados por estes partidos. Em Juiz de Fóra, eram jagunços os partidarios do actual deputado Francisco Bernardino, e jacobinos os do dr. Penido Filho. Até 1901, o *Pharol* era o orgão jagunço, e o *Jornal do Commercio* o jacobino. Discussões as mais vivas, em que a violencia de linguagem servia de argumento, foram trocadas entre os dois orgãos, apaixonando os amadores do escandalo. Queluz, onde em 1899 foi viver o dr. Castilho Lisboa, dividiu-se em duas facções: jagunços, que eram chefiados pelo dr. Tavares de Mello, medico, que se fez politico, e *picagunço* — bem pouco sonoro e decente o qualificativo — chefiados pelo dr. Castilho e outras pessoas, que abriram dissidencia com o dr. Tavares. A luta continua ainda, hoje, entre este medico e o dr. Campolino.

Em Bom Successo, talvez a localidade onde a politica de campanario commetteu as maiores ferocidades, o jornalista Octavio Carlos chefiava um partido adversario de um outro chefiado por diversos. Houve quadras em que os insultos os mais baixos pareciam um punhado de lama que esses politicos se atiravam uns aos outros.

Sabará conheceu os *bellequistas* e os republicanos; destes fazia parte o saudoso advogado Bento Epaminondas, daquelles quantos obedeciam á chefia do coronel Daniel da Rocha, muito conhecido pelo tratamento familiar de Bilico.

Leopoldina teve os dutristas e junqueiristas, especie de partidos de plebeus e nobres, porque os dutristas eram o zé povinho que acompanhava o dr. Dutra, excellente medico, palestrador de muito espirito, mas um desastrado em politica; os junqueiristas, ainda hoje firmes, são co-religionarios do deputado Junqueira, chefe que possue largos haveres e oriundo de familia abastada.

Em *limpos* e *sujos* dividia-se a pittoresca cidade de S. João d'El-rey. Ficaram sendo os *limpos* os co-religionarios do actual deputado Leite de Castro, porque, com este, queriam que a cidade tivesse organizados os serviços de agua e esgotos; os *sujos*, obedecendo á chefia do antigo politico Severiano de Rezende e do jornalista Carlos Sanzio, achavam que taes serviços podiam ser feitos em condições mais vantajosas, e se oppuzeram ao melhoramento. A luta entre *limpos* e *sujos* foi de uma pertinacia incansavel, e o chefe dos *limpos* ainda hoje soffre a maior guerra possivel.

Mar de Hespanha, agora mais calma, teve dias de verdadeira atroada entre jagunços e jacobinos; estes, não se dando com aquelles, nesse rancor horrivel que vasava os seus odios na imprensa, eram os partidarios do dr. Agostinho Côrtes, hoje fallecido, e os do dr. Agostinho Pereira. Até as musicas entravam na politica, e mais de uma companhia equestre lutou com essa difficuldade, porque os co-religionarios eram intransigentes: jacobino não *podia* ouvir jagunço tocar e vice-versa.

O dr. Souza Dantas, digno collaborador desta folha, assistiu, em S. José de Além Parahyba, ás encarniçadas *rinhas*, sustentadas entre o barão de São Geraldo, que falleceu senador estadual, e os drs. Canuto de Figueiredo, Paulo Fonseca e outros.

Gonçalvistas e vasquistas constituem os partidos da cidade sertaneja de Pitanguy: os primeiros são os amigos do senador José Gonçalves, os segundos os do coronel Vasco Azevedo, tendo estes tido como seu extremo defensor na imprensa o padre Lopes Cançado, um dos melhores chronistas politicos de Minas, espirito combativo.

Creio que os partidos de qualificativo mais ridiculo são os existentes em uma das cidades do sul do Estado: os *gambás* e os *gallinhas*, não sabendo eu si o juiz de direito, chefe de um delles — *mirabile dictu!* — é gambá ou gallinha.

Conheço tambem os *capivaras* e *jagunços*: são os dois partidos da cidade do Pomba, onde são chefes os srs. Francisco Peixoto e Dutra Nicacio. Têm na imprensa dois jornaes: *Puritano* e *Justiça*.

E' longa a lista dos seus partidos, em que vamos encontrar sempre com o bastão do commando ou um coronel ou um doutor, todos considerando-se politicos, e dizem isso com um garbo, um enthusiasmo que só vistos.

O engraçado é o seguinte: todos estes partidos são governistas; só não o foram na presidencia Silviano Brandão, por causa do imposto territorial. Os opposicionistas á idéa eram geralmente conhecidos por «lavoureiros», e tomaram muita descompostura da imprensa governista.

Azevedo Junior

O christão

Conto da decadencia romana

(JEAN RICHEPIN)

Confesso não compartir de nenhum modo os temores de certas almas inquietas e afflictas que julgam o imperio ameaçado do perigo de propagar-se o que se chama, muito pomposamente, a religião christã. Com effeito, informações colhidas em boa fonte me permittem acreditar e affirmar que se trata de um movimento sem grande importancia, o qual interessa apenas as classes mais baixas da sociedade, de onde não pode emergir para conturbar os espiritos lucidos, e de todo analogo, em summa, a muitas outras agitações anteriores, sempre dominadas pelo simples e seguro emprego de boa policia, e, em caso de necessidade, pela prudente medida de algumas execuções exemplares.

Por certo, não pensava que teria de perder tempo e desperdiçar um rolo de papyro recempolido, occupando-me aqui da seita nova, embora para referir o que a seu respeito contam de singular, como são essas orgias subterraneas denominadas agapes, em que os adeptos bebem sangue e mutuamente se prostituem deante do seu deus, representado por um cordeiro em fórma de cruz, ou como são essas prédicas feitas, aos escravos de todas as raças, e em que um delles, inspirado por uma pomba, tem, de subito, o dom das linguas mais diversas. Por mais curiosas que sejam para alguns, a mim parece que essas pobres fabulas servem só para desvairar a gente de inferior condição, e as considero indignas do precioso repertorio, no qual, com o intuito de tirar aos nossos descendentes um florilegio de maravilhas, noto em prosa selecta tudo o que se me afigurou bello e raro em a nossa época.

Eu não havia contado, porém, com a fantasia do nosso amigo Phryllas, o liberto de Cesar, homem de gosto excentrico, sempre á procura de espectaculos inéditos. Por elle nos foi offerecido o regalo de uma pantomima, que tinha precisamente um christão como protagonista.

De sorte que me vejo forçado a franquear ao tal christão o recinto do meu florilegio, visto querer, como devo, collocar nessa collecção o quadro daquella pantomima, que, por sua singularidade unica, bem merece ahi destacar-se.

Phryllas, ninguem ignora, pois elle proprio disso se vangloria, deve a maior parte da sua grande opulencia ao privilegio que, da quarta parte dos impostos sobre os lupanares da Suburra, Cesar lhe doou. Ora, aquelle christão se tornara, de certo modo, inimigo particular de Phryllas, por uma prédica encarniçada, na propria Suburra, contra a devassidão de que vivem os arrendatarios de Suburra e com a qual Phryllas enriquece os seus cofres, manancial das bellas festas que nos dá. Para se vingar, concebeu Phryllas a idéa engenhosa de fazer justamente esse christão servir em uma daquellas festas; e deve-se reconhecer que a invenção era picante, visto que o proprio Cesar, o mais abalisado conhecedor destas materiaes. Consistia a idéa de Phryllas em exhibir o christão no papel de Orpheu, em uma pantomima que representava a morte do cantor da Thracia dilacerado pelas bacchantes emquanto os papeis das bachantes seriam desempenhados por prostitutas de Suburra, as que estavam mais furiosas contra o christão que lhes arruinava o commercio.

A pantomima foi levada no amphitheatro particular de Phryllas, o menor, de Roma, mas de todos o mais rico e melhor apparelhado. A decoração era admiravel, ou antes, não era uma decoração, porque tudo era real, os rochedos, as arvores e até as ondas do Hebro, ouriçadas de escolhos e impetuosas. Mesmo antes da entrada dos personagens, apenas á vista daquella pequena Thracia tão minuciosamente reconstruida, houve um grito unanime de enthusiasmo, erguido pelos setenta e sete espectadores que eramos, inclusive Cesar.

Porque sou imparcial e estou resolvido, nestas notas secretas, a nunca encobrir meu pensamento, mesmo para lisongear Phryllas, não occultarei que o meu enthusiasmo esfriou ao aspecto do christão. Na verdade, é para mim regra immutavel em coisas da arte dramatica que o mimico, antes de tudo, deve ser a perfeita encarnação do heroe que vae representar. Ora, esse christão não evocava absolutamente Orpheu, e fazia antes pensar em qualquer dos animaes domados pelo grande tangedor de lyra.

Pequeno, quasi contrafeito, medonhamente magro, de pelle escura, pernas tortas, braços muito compridos, corpo sordido e hirsuto, dava ares de um cynocephalo do Egypto, de um desses monos que os sacerdotes de Isis arrastam comsigo pelas ruas.

Em face daquella nudez hedionda, me acudia á memoria, como a censurar o gosto de Phryllas, a nudez radiosa de Orpheu, a que nos habituaram tantas estatuas admiraveis.

Accrescentae a isto que o christão, sem duvida, recusára representar o papel, e tinha sido preciso prender-lhe na cabeça a corôa de louros e fixar-lhe á força a lyra nos dois punhos, de modo que a corôa, sacudida pelos meneios da cabeça, pendia-lhe sobre a fronte como um cucullos de bebedo, e a nobre lyra, na extremidade das suas mãos amarradas, semelhava um instrumento de supplicio.

Em compensação, as bacchantes visivelmente desempenharam os seus papeis com boa vontade e até com doudejante alegria. A mim pareceram excellentes, comquanto não fossem mimicas profissionaes. Certo, era muito desordenado o seu furor sincero, mas, ao menos, tinha caracter. Demais, eram, na maior parte, bellas raparigas; e, nuas, como estavam, desgrenhadas, ululantes, a brandirem thyrsos de pontas de ouro, cutelos faiscantes, fachos escarlates, offereciam aos olhares um quadro digno de ser admirado.

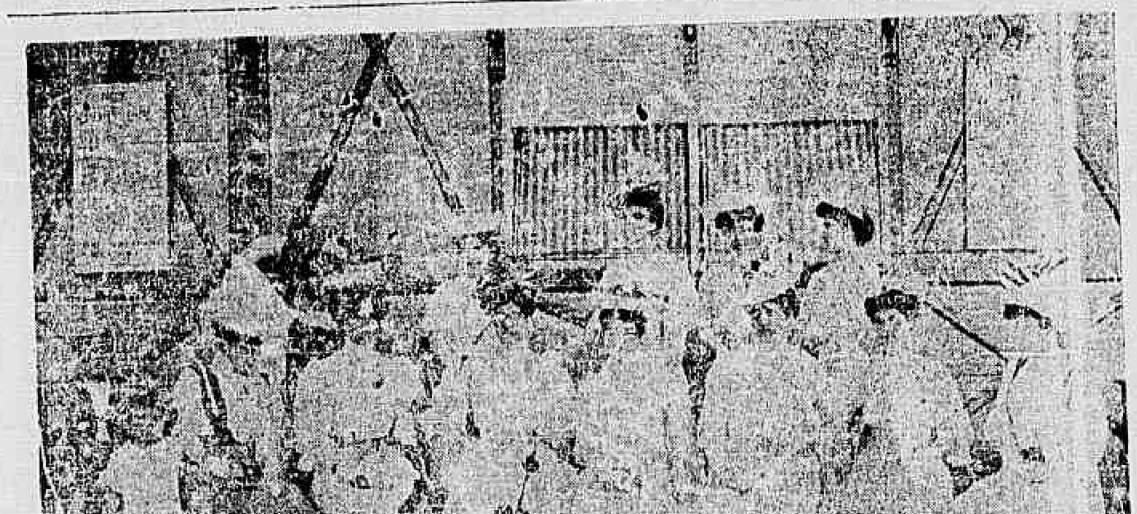
Si, como cumpria, o christão houvesse sido ensinado por um bom mestre de pantomima, deveria, ao vel-as, procurar fugir deante dellas e depois procurar encantal-as com a lyra; e talvez, apezar da sua fealdade, se tornasse interessante o espectaculo, graças ao rythmo de seus gestos e attitudes. Mas, ah! nada disso fez o desgraçado e somente soube dar-nos uma impressão comica, como si estivesse a mostrar-nos bonecos.

Com os compridos braços embaraçados pela lyra, cortava o ar agora, de alto a baixo; logo, da esquerda para a direita; depois batia no peito, como si quizesse esmagar o ventre com a lyra, e, gesticulando por esta fórma desastrada e ridicula, pronunciava em vocabulario infame, um discurso sem sentido. Porque, seguramente, inspirado pela sua pomba e imaginando possuir o famoso dom das linguas, misturava palavras syrias, gregas, abominaveis barbarismos latinos, em rouquenha e incomprehensivel geringonça, tão burlesca como a do carthaginez de Plauto.

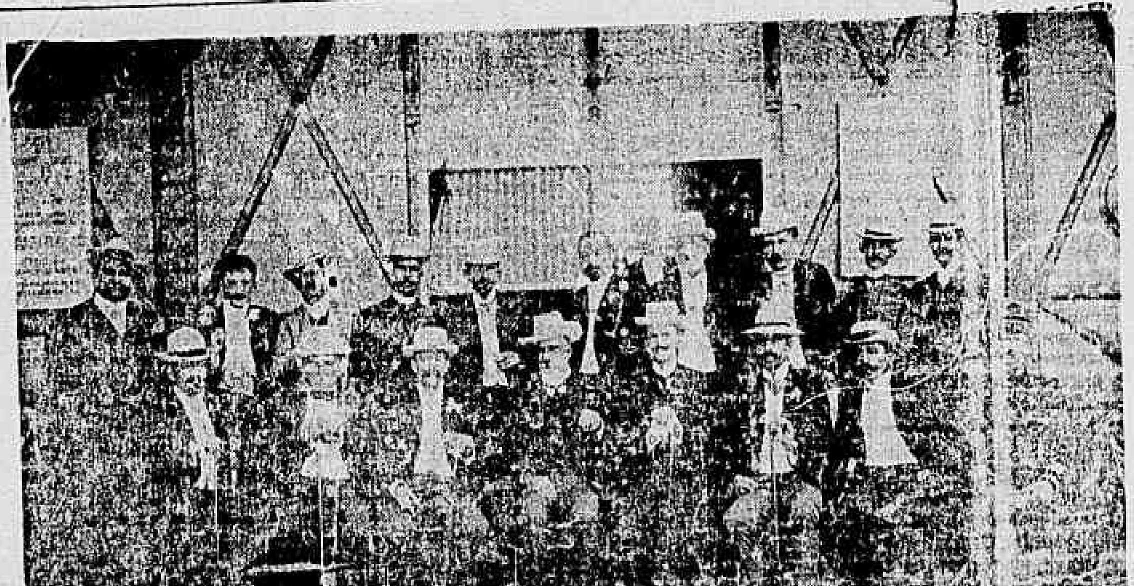
Felizmente, a baixeza deste espectaculo foi um tanto resgatada pelo desenlace, que, alias, sobreveiu muito depressa, mas afinal, tinha certa belleza horrivel quando as bacchantes se lançaram sobre Orpheu a dilacera-lo. Os gritos que dava, o sangue que lhe jorrava do corpo, a porfia das mulheres em lhe arrancarem pedaços de carne, algumas com os dentes, o arremessar do cadaver decepado e mutilado ás aguas espumantes do Hebro, tudo isto nos permittiu fazer a Phryllas sinceros cumprimentos, agradecendo-lhe o prazer que nos dera.

Em summa, bem se vê, graças a essa novidade de uma pantomima, que terminou em verdadeira chacina, a coisa merecia ser consignada aqui.

Mas, quanto eu seria mais agradecido a Phryllas, si em logar desse christão ignorante e feio, houvesse representado Orpheu em pantomima sabedor e bello, como Pisander, por exemplo, o qual permanecendo rythmico, magnifico nesse desfecho atroz, teria achado meio de nos elevar a alma á evocação de um quadro grandioso e artistico; de nos mostrar o grande cantor da Thracia na sua nudez radiosa; de envolver-se no seu sangue como em uma purpura gloriosa; emfim, de fazer-lhe dilacerar os membros, cadenciadamente e lhe arrancar a cabeça graciosamente.



Grupo de senhoras, tirado no Sumaré, no dia do almoço ao dr. José Marcelino



Grupo tirado no Sumaré, no almoço offerecido ao dr. José Marcelino pelo ministro da viação

Um apostolo

FERNANDO BRUNETIÈRE

Um dia acompanhavamos nós o decano dos jornalistas a quem tanto estimavamos e que, entre o mundo dos vivos, ao qual já não pertencia e o outro, o mundo cheio de sombra e de mysterio que o ia envolver, fazia passagem um instante na fronteira da eternidade, antes de receber *o doce, o desejado e ultimo abraço da grande mãe, a terra, o que chamamos sepultura*, como disse soberbamente Rabelais. Porque Rabelais, — sim, Rabelais! — escrevia destas coisas.

E foi nessa occasião que um fervoroso catholico nos falou em Brunetière e de tal maneira que nós resolvemos ler o autor do *Roman Naturaliste*.

⁂

Por entre as paginas dos seus ultimos livros vê-se que esse homem sentia pesar nos hombros a esmagadora magestade de Deus e não se tardou a profissão duma especie de nihilismo amargo e total em materia de crença religiosa, que annos antes manifestára.

Era um convicto e de tal maneira que o indomavel confessor dos dogmas literarios ou religiosos fizera na Suissa e depois na Belgica, uma serie de conferencias de que os mais austeros prégadores não desdenhariam a doutrina e de que os mais eloquentes difficilmente egualariam á logica cerrada e á força oratoria.

Não diremos que crise moral levou esse pensador incredulo para a fé, porque não ha nada tão profundo e sagrado como a consciencia humana.

E é com o mais sincero respeito que nos inclinamos ante ella.

⁂

No dia em que Brunetière caminhou para a Egreja pode esta entoar um bello hymno. Um tal neophito era indubitavelmente o mais precioso dos recrutas, que havia muito tempo ella alistava. Ufanou-se, é claro, de Paul Bourget e François Coppée por ter conquistado os dois nobres espiritos, mas, nem um nem outro desses novos campeões, lhe traria o reforço de um talento tão manifestamente talhado para a luta como o do vigoroso polemista que se servia, indifferentemente e com a mesma mestria, da palavra ou da penna, — como se combatia no seculo XVI, com a espada numa mão e na outra a adaga. Ora, a Egreja o que necessita é destas convicções e [illegible] o cathechumeno que lhe bate á porta é de instincto bellicoso e valente, tem razão em o acolher com um alvoroço, que ella tambem não busca dissimular.

E eis o problema, que implica esta metamorphose, do celebre critico em apostolo.

Ainda que dedicasse muitos volumes ao desenvolvimento duma engenhosa theoria que lhe era rara, a da evolução dos generos literarios, Brunetière — com o dogmatismo altivo e cortante das suas affirmativas, a sua rude dialectica — a solidez das construcções com pedras sobrepostas, com as quaes se comprazia — não despertava seguramente a idéa da inconstancia e da mobilidade nas doutrinas.

Ora, este firme pensamento tem — e sobre um ponto essencial — evolucionado como «um genero», visto que passou da incredulidade á fé affirmada, em edade bem alta. Como explicar o que ahi fica dito? Vale a pena fazer a pergunta e tentar a resposta.

⁂

A' custa dum trabalho perseverante e fecundo, Brunetière edificára um systema literario. No conjunto, podem-se estabelecer reservas, embora nem por isso deixasse de ser digno de admiração.

Mas a literatura, tal como um espirito generalizador e philosopho, como o seu a concebia, transpõe as fronteiras que, de ordinario, lhe signalam. Attinge tudo. A critica literaria, que é o seu sacerdocio, deve tambem tocar em tudo; moral, politica, religião, metaphysica, theologia, problemas sociaes... E, assim, escravo da alta concepção que tinha das suas funcções, Brunetière, impellido mesmo pela necessidade do seu imperioso espirito, foi conduzido a crear, em volta do seu systema literario, um certo numero de systemas annexos, como se flanqueava, outr'ora, de torres, os quatro angulos dum solar.

Essas torres construiu-as o infatigavel operario de quem nos estamos occupando, e elle não seria o homem que foi, se consentisse que o seu plano não concordasse com o da massa principal, e que ellas eram precisamente destinadas a completal-o, amparando-o.

O edificio levantou-se, de aspecto um pouco pesado aos nossos olhos, soldado com architecturas mais leves, — mas, poderoso e forte como um castello feudal. Unicamente, quando se concluiu, aquelle que, com tanto trabalho o construira, notou, com espanto, que havia uma fenda.

⁂

Podia, sendo um sceptico, isto é, no fim do um rebelde, falar do seculo XVII, eltado da fé e da autoridade, como tinha falado, como queria falar ainda?

Ousaria celebrar, com magnificencia, assim como alimentava o idealismo, esse grande Bossuet, cujos raios sabia-o melhor do que ninguem, teriam censurado a sua propria «libertinagem» — isto é, o seu livre pensamento? Tinha elle qualidades para elogiar os meritos, o beneficio social da tradição, elle que se encontrava, no terreno religioso, em ruptura aberta com a longa tradição catholica da «Ilha mais velha da Egreja»?

Contradicção flagrante, a que a sua probidade não podia resignar-se, nem a sua logica! E ali é que estava a fenda! E sobre essa fenda malicia é que se desenvolveram todos os seus adversarios. A sua malicia, a sua detestavel ironia, alargaram a brecha. Anatole France e Jules Lemaître riram sete vezes e sabe-se o que accontece ás muralhas famosas quando certas trombetas sonam.

Ella, é fóra de duvida, principiou a pensar que a todos esses blocos, pacientemente accumulados, faltava o cimento, que, collocado entre as juntas, as soldaria fortemente e comprehendeu que a idéa religiosa, introduzida e espalhada na obra, podia assegurar a coesão.

Tal foi para elles, se não nos enganamos, o ponto de partida de evolução de idéas, cujo termo devia ser a sua celebre adhesão ao dogma catholico e alistar-se nas fileiras da Egreja Militante.

A paixão da symetria, da unidade, da logica; tudo isto tão claramente apparece nos seus livros como se vê nos seus discursos, devia [illegible] versão. Afim de não constatar ninguem [illegible] humano, diremos que uma força que nos é desconhecida, a terminou.

Acceitando esta explicação, a fé de Brunetière seria em parte a resultante de uma predeterminação, que se encontrou em varias tendencias do seu espirito e dum esforço da pertinacia da sua vontade.

Nem por isso essa fé é menos sincera ou menos respeitavel. E é um bello espectaculo o dum homem que, mais forte que a torrente das causas fortuitas e em que nos fluctuamos como fragmentos, resiste ao que nos arrebata e funda ahi a sua vida, emquanto nós supportamol-a apenas.

⁂

Alguem que Brunetière admirou, mas que com certeza não estimou, Voltaire, escreveu:

«Cultivae o vosso jardim».

Assim o fez, não para descançar, não por desdem ao esforço humano, nem por confissão desanimada da inefficacia desse esforço, na virtude do qual acreditou firmemente.

Cultivou-o para o levar a produzir determinados fructos, que o solo, lavrado profundamente, não se recusou a dar. Apparecia uma herva má; arrancava-a. E ali, onde a intrusa, distilladora de venenos, estendêra suas raizes, com resolução implantou uma cruz expiatoria.

E assim nada a offuscar-lhe o olhar. Nada de rebentos inuteis nos ramos cuidadosamente podados. Nada de ruas sinuosas, dum traçado hesitante, que na apparencia a nenhuma parte conduzem, mas, por onde alguns gostam de andar indo nas pingadas de Renan. Era um jardim a franceza, com avenidas rectilineas, pouco numerosas, de perspectivas claras, onde a vista, prisioneira entre altos macissos, alinhados como muralhas, se conduzia, sem se poder desviar do ponto do horizonte em que tinha de se fixar.

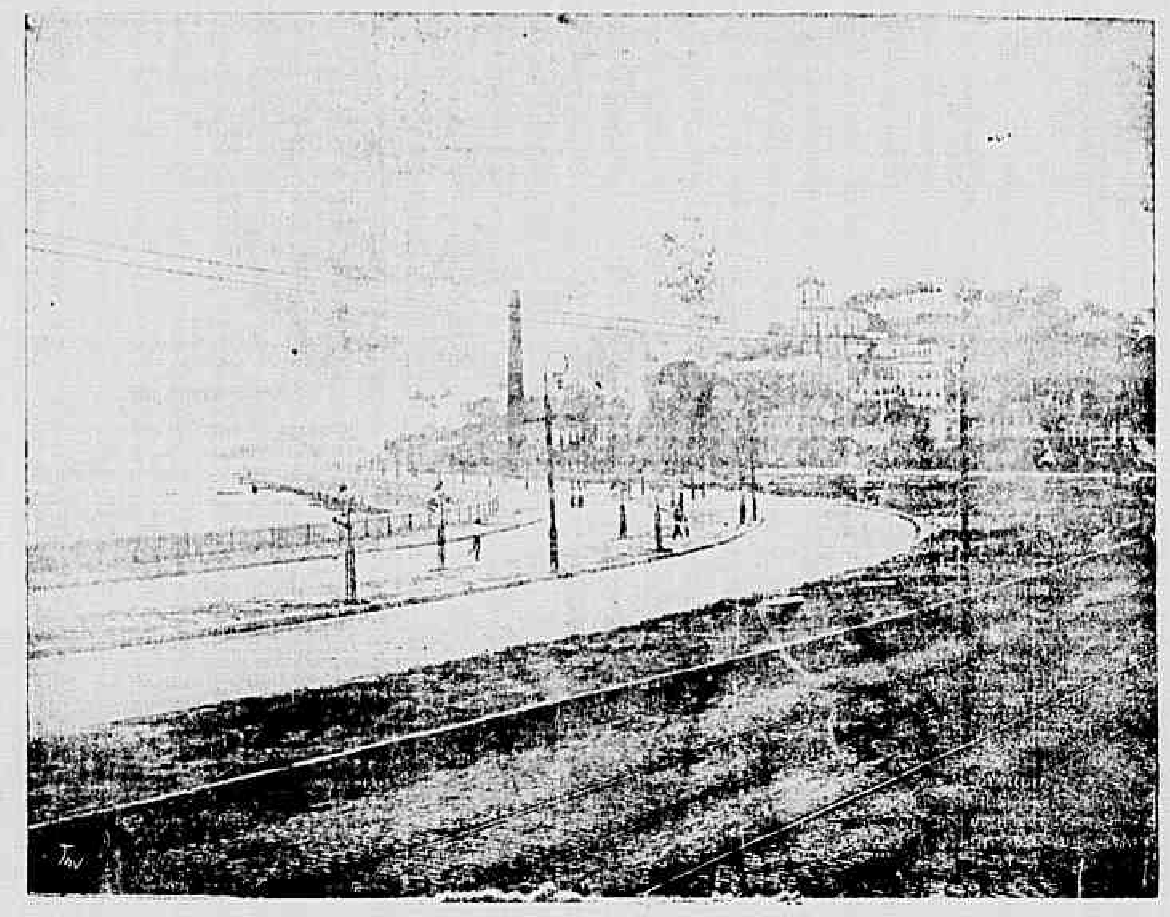
Encontra-se na propria patria do seu espirito, em pleno seculo XVII, em Versailles. Sem sair de si mesmo, passeia nesse dominio, dissertando com Malebranche sobre a virtude da graça efficiente, censurando com Massillon a soberba da sciencia, dizendo com Bossuet mal de Fenelon e talvez de Pascal, anjo rebelde, finalmente domado, mas em quem Brunetière sente o que não quero nunca sentir: o estremecimento do pyrrhonismo por terra e que se levanta, da duvida que não morre, encelado que se agita ainda sob a sua montanha.

Foi um homem feliz. A menos que sonhos em demasia grandiosos não visitassem, como é possivel, o seu pensamento: porque este soldado de Christo, com instinctos conquistadores, este apostolo avido de alastrar o reino do seu senhor e, talvez, ao mesmo tempo o seu, parecia mais rico de fé ambiciosa que de humildade. A custo o convenceriam — leiam-se as suas obras — que os favorecidos deste mundo são os pobres de espirito e os simples.

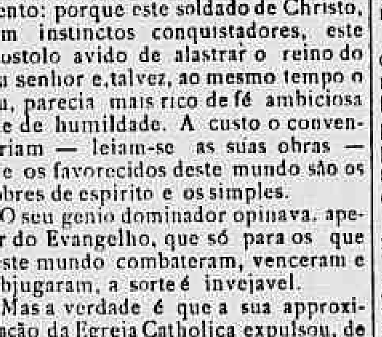
O seu genio dominador opinava, apesar do Evangelho, que só para os que neste mundo combateram, venceram e subjugaram, a sorte é invejavel.

Mas a verdade é que a sua approximação da Egreja Catholica expulsou, de maneira harmoniosa, a forte unidade da sua obra e da sua vida. E será uma injustiça não estimar nem admirar a memoria do homem por quem a França póde trajar lucto sem corar.

P.



A praia da Lapa, depois dos melhoramentos feitos pelo dr. F. Pereira Passos



O fallecido Schah da Persia, S. M. Mouzaffer-ed-dine

Herbert Spencer

O GRANDE PENSADOR NA INTIMIDADE

O grande philosopho inglez deixou um livro cheio de interessantes revelações sobre os tormentos physicos e moraes que o perseguiram.

Acaba agora de publicar-se um pequeno volume em que são revelados mais intimamente na sua alma e nos seus aspectos ineditos dessa poderosa e singular individualidade.

E' escripto por duas senhoras que em companhia de Spencer viveram os ultimos annos de sua existencia, pagando ella o aluguel da casa, os impostos e soldados dos creados e ellas fornecendo a comida destes ultimos e governando a casa, tanto quanto lhes permittiam as, por vezes, desconcertantes intromissões do philosopho nesse ramo tão alheio a sua competencia. Tinham dito a essas respeitaveis matronas: «Mr. Spencer não quer gente intellectual ao pé de si» e elle achou immensa graça quando uma dellas lhe revelou que durante muito tempo estivera persuadida de que elle escrevera um livro intitulado: «Philosophia sympathica».

Mas Spencer dava grande cavaco com a idéa errada que muita gente fazia delle:

— «Elles então suppõem que por ser um philosopho não sou tambem um homem!

...

Imaginem que eu me tinha casado com qualquer mulher philosopha! Seria a ultima tolice que eu faria neste mundo.» E os seus braços e as suas mãos erguiam-se para o céo, como para o invocar contra o absurdo de uma tal suspeita.

— «O que eu prefiro a tudo é um espirito sensato», concluia elle.

Sabemos já que elle não quiz casar com George Eliot porque a achava feia; e neste livro o seu fraco pela belleza feminina atraiçoa-se mais de uma vez.

As cozinheiras de Herbert Spencer eram sempre bonitas!

«Uma amiga nossa, Mrs. O., que tinha uma apparencia assás vulgar, tanto o intimidou com a sua simpleza que em certa occasião, sabendo que ella devia vir almoçar commosco, Spencer recusou-se a vir para a mesa, preferindo tomar o seu repasto solitariamente na sala de visitas a sentar-se defronte de uma pessoa «tão hedionda».

— «Não ha destempero maior, continuava dizer, do que a phrase absurda: «A belleza não passa abaixo da pelle». O proverbio é que é a flor da pelle», pois que a belleza das feições se acha geralmente acompanhada pela belleza da indole, o que significa alguma cousa mais do que o que apparece á superficie».

Ingenuo philosopho!

E' muito commovente no livro o episodio de duas ou tres photographias com uma senhora que elle amara na sua mocidade e a sua desillusão ao ver os estragos que o tempo fizera no semblante da sua antiga namorada.

Herbert Spencer, como acima ficou dito, intromettia-se as vezes nas minucias do governo domestico; elle tinha a pretenção de possuir um espirito que «como a trompa do elephante é capaz de desarraigar arvores e de apanhar no chão uma moeda de seis pence».

Eis algumas das suas pequenas manias:

«Debaixo do seu enxergão estava collocada uma almofada dura que se levantava em bossa afim de elle apoiar nella os rins. O seu fato tinha uma larga dobra ao meio, de maneira a que nunca o apertasse mas caisse de cada lado do seu corpo em pregas soltas, [illegible] que, embora elle nos assegurasse ser extremamente confortavel, era da apparencia mais desgraciosa e desalinhada.»

As excentricidades de Spencer tinham as vezes repercussão sensivel na bolsa e na paciencia das duas excellentes senhoras. Eis uma divertida anecdota que nos mostra sob um aspecto particular o autor dos «Primeiros Principios».

«O homem do talho mandou-nos um dia um pedaço de carne muito dura; contrariedade que nem sempre se póde evitar.

Mr. Spencer mandou-lh'o devolver e ralhou-nos por não termos em casa uma provisão de carne sufficiente para que com o tempo se tornasse tenra... Como lhe observassemos que uma grande quantidade de carne se estragaria certamente, Mr. Spencer ordenou que ella fosse aspergida com uma solução de permanganato de potassio afim de evitar a decomposição.

Pouco tempo depois, achando-se fóra de casa, escreveu-nos para que encommendassemos no talho uma perna, um pescoço e um lombo de carneiro, um lombo de vacca e um cabo de boi. Já havia em casa um lombo começado.

Ora, tanto nós como as duas creadas, comeramos de muito pouco alimento e Mr. Spencer, esse então comia quasi um passarinho, mas aquella disse que não podia consentir em que se [illegible] a encommenda... e, quando voltou para casa, como nós não tinhamos comido [illegible], não quiz comer senão um pouco de gallinha...

Procedeu-se em seguida, segundo suas ordens, ao tratamento das talhadas de carne com a substancia chimica que a devia conservar indemne dos germens da decomposição... Nada sabiamos do que se passou na cozinha, porém, quando se recorreu ao permanganato de potassio não é um condimento culinario que melhore sensivelmente o gosto das iguarias a que se junta. A carne ficou que não se podia levar á bocca.

Depois de uma conferencia com a cozinheira, Mr. Spencer chamou á sua presença o creado.

«Poucos minutos depois, escrevem as autoras deste livro indiscreto, vimos com uma grande vontade de rir certa satisfação de triumpho esse fiel estupido servo cavar um grande buraco redondo num canteiro do jardim, em seguida ao que, nunca mais se tornou a ver o formidavel acervo de carne encommendada por Mr. Spencer.»

Como transparece nesta historia o profundo desprezo com que as «Duas» (como a si proprias se designam as companheiras de casa de H. Spencer) deviam falar uma com a outra do philosopho «telhudo» junto do qual viviam!... Parece-nos estar a ouvil-as, trocando em voz baixa, na cozinha, os seus commentarios sarcasticos.

Uma das manias de Spencer era mandar parar a carruagem que o levava, fosse no maior movimento da mais frequentada rua de Londres, para tomar o pulso a si mesmo; si o estado deste lhe não parecia satisfactorio, dava ordem logo ao cocheiro para voltar para casa.

As «Duas» estavam habituadas a vel-o de vez em quando introduzir bolas de algodão em rama nos ouvidos para não escutar as conversações que o aborreciam, bem como aos «calem-se!» que elle lhes lançava, quando o seu cacarejar lhe bolia com os nervos; mas as pessoas de fóra affinavam com estas maneiras do grande philosopho. A sua irratibilidade foi crescendo e a cada momento armava bulhas com as creadas; e a par disto a sua versatilidade em assumptos caseiros era causa de desperdicios e difficuldades que tornaram em breve a situação intoleravel. As «Duas» resolveram separar-se delle:

«Mr. Spencer escreveu então extensos documentos que metteu dentro de grandes sobrescriptos, alguns dos quaes nos enviou para que delles tomassemos conhecimento, mandando outros a varias pessoas da sua amizade. Os mais pequenos pormenores de nossa vida privada eram expostos nesses documentos aos nossos amigos e aos delle, para que sobre elles formulassem a sua apreciação.

Si não fosse tão insensata, a lembrança teria sido immensamente divertida.»

O rompimento não se verificou immediatamente; foi por essa occasião que se deu o comico incidente do embrulho mysterioso, que Herbert Spencer imaginou dever ser uma machina infernal que algum anarchista lhe enviava. A policia foi chamada a intervir — e verificou-se que o pacote continha duas garrafas de whisky!

Mas dahi a pouco os nervos dessa creança de setenta e sete annos recomeçaram a fazer das suas e a separação definitiva consummou-se!

A moral desta historia é que não ha vantagem nenhuma em conhecer intimamente os grandes genios.

Elles são sempre, como homens, inferiores ás suas obras e alguns delles manifestam no seu viver quotidiano um desequilibrio, que bem mostra que o desenvolvimento anormal de certas faculdades do cerebro se produz quasi sempre á custa de outras, que são justamente as que presidem aos mais banaes e comesinhos problemas da existencia.

Queixas

— Não nos entenderemos. Ora vejo-a fechada n'um silencio symptomatico de incomprehensão; ora escuto-a dizer palavras hostis, no sensivel intuito de desnortear-me. Não chegaremos a nenhuma conclusão honesta e sincera. Então para que veiu aqui?

— Si eu não viesse, que diria o sr. de mim?

Elle, que se havia levantado do banco do jardim onde se abrigaram para uma explicação decisiva, tornou a sentar-se semi-voltado para ella que, fria e immovel olhava sem vêr um cysne que vogava no rio scintillante do reflexo do gaz. A noite estava limpida e quente; o ar saturado de brilhos e perfumes subtis, e o céo lucilante de fulgores eternos. Havia silencio que o rumor longinquo da cidade tornava solenne. Junto ao banco onde estavam, na moita espessa e escura uma corça repousava curiosa e arisca farejando o ambiente. E mais adeante, dormitando, como que esmagado ao peso da vida e dos remorsos, um velho esquálido de figura tragica que a luz do gaz descobria aterradoramente da obscuridade.

Ella trazia uma capa negra e um véo espesso sobre o rosto magro e moreno; elle, em trajo commum, tinha a cabeça ardente exposta á frescura amoravel do ar. O seu rosto á frouxa luz tinha um *facies* penoso de anciedade e indecisão profundas e havia n'essa expressão infinitamente angustiada um *rictus* de vingadora ironia victoriosa.

— Que havia eu de dizer, si a senhora não viesse aqui? Que era uma mulher vulgar digna da compaixão que eu lhe pedia quando não fosse possivel o seu amor....

— E depois?....

— Depois aqui se trata mais do seu interesse que do meu.

— Agradeço....

— Por nada. Nesta historia de amor em que eu puz á prova tudo quanto de puro e de robusto ha em mim, a senhora só tem feito desviar a attenção publica de si mesma, adorando e cultivando o mysterio que é a unica face por que encara esta paixão sincera. Não fosse o romance (que eu detesto! oh! si o detesto!) e a senhora entre mim e o ultimo dos homens não se demoraria em escolher á sorte.

— Com effeito!...

— Sim! E tem razão para isso. O illudido sou eu, crendo que o amor, egual em todos os animaes, distinguisse a humanidade, e a mim entre os homens. Mas não! A comedia do amor, que faz chorar, a senhora a leva com admiravel enscenação. Lembre-se bem; o nosso passado é de hontem, e, si logicamente não o esqueceu, lembre-se da minha alegria e orgulho de possuil-a contrastando com a sua passividade de mulher a quem dois ou tres beijos a mais não mancham a pelle.

— E o meu marido?...

— Não é delle que se trata, delle a quem respeito e lastimo. Trata-se de nós, de mim que não posso mais soffrer o seu romance, e da senhora que não poderá mais me soffrer a mim.

— Engana-se.

— Pois sim! Hei seguido, movimento a movimento, o seu caminho até chegar aqui. Vi-a sempre formosa e representativa entregar-me as mãos emquanto sondava com os olhos os horizontes, provavelmente para não me fitar. Senti nos seus momentos de prazer a tepidez de um carinho que nunca subiu de grão. E, sempre o receio, o susto, o cansaço, o indispensavel pretexto para evitar-me, como si não soubesse pelas minhas queixas que eu sentia a sua polidez convencional como se sente uma injuria. Ou sinceridade, ou nada, era a minha divisa, á qual a senhora antepunha outras, como estas: — Mysterio ou não vale a pena; — representemos, que o successo é tudo!

— Acha então que sou fingida? que que o procuro, que o acceito, que me sacrifico por mero fingimento? Qual o meu interesse?

— A senhora não dissimula, inventa; não é fingida, é curiosa; não tem interesse, faz experiencia: eis ahi tudo. O meu amor foi para a senhora um momento de inconsciencia e de fraqueza. Um dia, naturalmente despeitada contra o successo de alguma visinha, ou invejosa da felicidade de amor de uma amiga; um dia, talvez passado ociosamente, recebeu o meu olhar, notou o meu deslumbramento, presentiu a minha fidelidade, abnegação e discreção. Calculou que eu era capaz de um grande amor e de todos os sacrificios. Ouviu falar que eu era um artista, leu talvez as minhas lucubrações sobre o bem, sobre o amor e sobre a belleza humana, e, enfraquecida por algum revéz, acceitou as minhas homenagens como acceitaria uma proposta de divertimento ou de loucura. Respondeu a minha carta com os termos usuaes em todas as pennas incultas e ociosas. Deu-me uma entrevista em rua deserta; accedeu ao encontro marcado; veiu, entregou-se-me; ficou. E o resto?

— Quer que lhe diga? O senhor saciou-se, aborreceu-se; hoje me repelle. Começa assim, deprimindo os meus sentimentos, desconhecendo o meu valor, desdenhando os meus affectos. Depois irá repellir-me, calumniar-me, tornar-me heroina de algum romance escandaloso e rir-se de mim n'um circulo de amigos a quem dará detalhes e revelará particularidades do meu corpo. Para precipitar esse desfecho, tirou o tempo hoje para me torturar, provocando a ruptura das nossas relações sob pretexto de que eu sou uma comediante....

Ao dizer isso, ella lhe pos a mão no hombro:

— Vamos, meu querido, é muito injusto, muito injusto!

Elle, incredulo, insensivel, continuou:

— E de facto. A senhora não só não comprehendeu, como explora a minha bondade e a minha paixão.

— Offende-me!

— Uma verdade dóe muito, e eu fui sinceramente cruel agora; mas....

Levantou-se lentamente.

— ....mas, eu não podia cair mais baixo em acceitar e soffrer por um amor egual a todos os amores, uma mulher egual a todas as mulheres. Mas que quer? Meu espirito attribulado pela pressão que a miseria universal exercia sobre elle, procurava uma fortaleza inexpugnavel onde se refugiasse. O seu amor afigurou-se-me essa coberta de ferro onde com a alegria e a belleza eu ficasse simples e decidido o resto da vida. Um vicio de poesia me embrutece ainda, uma imaginação doentia ainda me perturba a olympica indifferença de viver. Assim, tal qual um imbecil, vim me arrastando e colleando como um reptil até seus pés: era natural que me pizasse gentilmente com o salto da sandalia Luiz XV, porque são essas as que o seu marido lhe dá. Illudi-me como um sertanejo e um cretino. Em vez da senhora manter inteiramente pura essa illusão que, afinal, é egual ou melhor que todas as mais do mundo, em vez de se unir a mim como uma molecula se une a outra molecula e um astro gravita em torno de outro astro, a senhora, mulher amada entre todas, me desconhece, tolera-me, faz-me um favor, reedita um romance e procede como si fôra minha amante ou minha esposa! Ainda ha pouco eu lhe pedia que se definisse, que me explicasse a felicidade sentida e o destino esperado para o nosso amor. Eu lhe supplicava com os olhos humidos de pranto que me animasse a pensar, a soffrer, a sustentar contra essa humanidade anthropophaga uma luta victoriosa, sublimemente egoista, de reivindicações sociaes. Eu lhe chamava a attenção para os prazeres superiores, gozados a dois, pela contemplação das curvas naturaes, dos perfumes subtis, do pensamento, das ideias, do amor, da piedade e do trabalho.... E vi, notei que agora quando eu [illegible] sadio e nobre, a senhora [illegible] nhosa, ou incapaz de [illegible] nós dois era mais ridiculo [illegible] curar-lhe uma felicidade [illegible] a senhora a levar a [illegible] como eu.

— Não fale assim.

— Por que não? Sinto [illegible] amor sob este aspecto de [illegible] e adulterio secreto, se [illegible] irremediavel desastre. Por [illegible] sabe que sou homem [illegible] partido e gloria de [illegible] Quanto á sua formosissima [illegible] escala da degradação está [illegible] mente atraz: um passo [illegible] quéda é irrevogavel.

— Que fazer?

— Amar-me, ouvir-me, [illegible] por um ideal maior e melhor [illegible] possamos gozar superior[illegible] vidade da vida, salvando-nos [illegible] defeza e uma resistencia [illegible] taveis feitas de dedicações [illegible] dade, pela justiça, por uma [illegible] qualquer que nos dignifique [illegible] sos proprios olhos não [illegible] pelo brilho falso deste mundo [illegible] tortura e enlouquece.

— E depois?

— Depois, é o romance [illegible] paixão verdadeira que, pela [illegible] za e a sua meiguice, far-nos-á [illegible] cer toda a miseria possivel e [illegible] rá a nossa vida de uma clari[illegible] mortal....

Ella se levantou:

— Como entendel-o?

A corça arisca saiu da [illegible] parou pela rua aos saltos, [illegible] electrica.

E o cysne, escondendo o [illegible] aza, pareceu adormecido. Ella [illegible] com os olhos a corça assust[illegible] e elle ficou a olhar a mancha branca do cysne sobre o crystal do rio.

— Entendermo-nos? Isso não é possivel. As minhas illusões são como aquelle cysne, as suas como aquella corça arisca. Poder-se-ão elles entender? Impossivel.

— Está bem certo disso?

— Absolutamente.

— Bem; adeus!

— Adeus.

Apertaram-se as mãos, penosa[illegible]

— Entretanto o senhor é um cavalheiro....

— Sou um cysne, estupido animal e entretanto, a mais feliz das creaturas vivas. E' que elle vive só.

— Fale sério. E' um cavalheiro....

— Não; sou um homem, como a senhora é uma mulher.

— Amemo-nos então. Estou perdida e não posso recuar.

— Não me basta o accordo das nossas epidermes. O amor que lhe votei e voto, é egoista de mais para satisfazer-se de contactos fugitivos.

Apertaram-se de novo as mãos geladas.

— E', pois, um rompimento? — perguntou ella anciosa. — Em ultima analyse, que quer de mim?

— Não sei.

Separaram-se desesperados, quasi alienados. Na superficie tranquilla do rio, o cysne boiava immovel; o mais estupido dos seres gozava de uma paz absoluta e unica; e a corça assustadiça abrigára-se além, nas moitas distantes, emquanto o mendigo esquálido, estremunhado, erguia-se com um bocejo amargo em que traduzia seu nojo de vencido pela infinita loucura do amor, do amor que ainda produz séres mais miseraveis do que elle.

Domingos Ribeiro Filho

ARCHIMEDES DE OLIVEIRA

E' esse o autor do *Vem cá mulata*, o bulliçoso Tango, que marca uma época da nossa musica popular, fazendo o que centenas de musicographias artisticamente compostas e assignadas por nomes que por si só valem um successo não fizeram — alcançar a popularidade absoluta, soberana.

Desde o salão aristocratico, onde o escol da nossa sociedade *s'amuse*, até á sala modesta dos bairros pobres, nos magnificos Pleyel ou na cadencia das orchestras populares, é o *Vem cá mulata* o prato do dia, a *great-attraction* de todas as festas.

Archimedes de Oliveira, mestre da banda do 1º regimento da policia, o compoz o anno passado em um quarto de hora, num baile do «Gloriosos Democraticos», tendo sido executado immediatamente por um desses *tour de force* que muito honra não só o autor como os executantes.

Dando o seu retrato, prestamos a devida homenagem ao compositor da musica mais popular dos ultimos tempos nesta capital.

Cães no theatro.

Não é coisa para rir, diz o *Figaro* na sua primeira pagina, e merece ser estudada, porque de um momento a outro póde ser precisa a instituição de uma escola de cães para theatro.

Effectivamente, dá-se o caso que a maior parte das novas producções theatraes tem por uma das personagens um cão. Na Comedie Française, o sr. Féraudy começa o 2º acto de «Paliches» com uma graciosissima fala sentimental a «Ridoire», um lindo Kingcharles todo enfeitado de fitas e laços.

No Gymnase, na «Mademoiselle Joseth», um cãosinho branco, chamado «Prince de Wales», serve de confidente á sra. Martha Régnier.

No Variétés, na peça «Miguette et sa mère» a actriz Lavallière confia ao seu fiel «Medoro» o nome do amante; e «Medoro» é um cãosinho preto, que se commove com os applausos da platéa.

Entrevistado um autor dramatico sobre a invasão canina nos melhores theatros do «boulevard», disse:

— O cão vae tomando a pouco e pouco, na comedia moderna, o logar de confidente, do terrivel confidente da tragedia. Podem contar-se-lhe gentilmente os estados d'alma, que é necessario revelar á platéa.

O cão substitue a amiga do convento, o creado velho e fiel, o companheiro de collegio; é um confessor mudo e divertido. Em summa, o cão do theatro é ao mesmo tempo uma benção e um expediente.

Uma estatistica pavorosa

Um jornalista de S. Petersburgo acaba de publicar a estatistica dos horrores commettidos na Russia pelos revolucionarios e pelos partidarios do governo no periodo a que elle chama o primeiro anno da liberdade russa, isto é desde a proclamação da constituição, em outubro de 1905 até setembro [illegible] 1906.

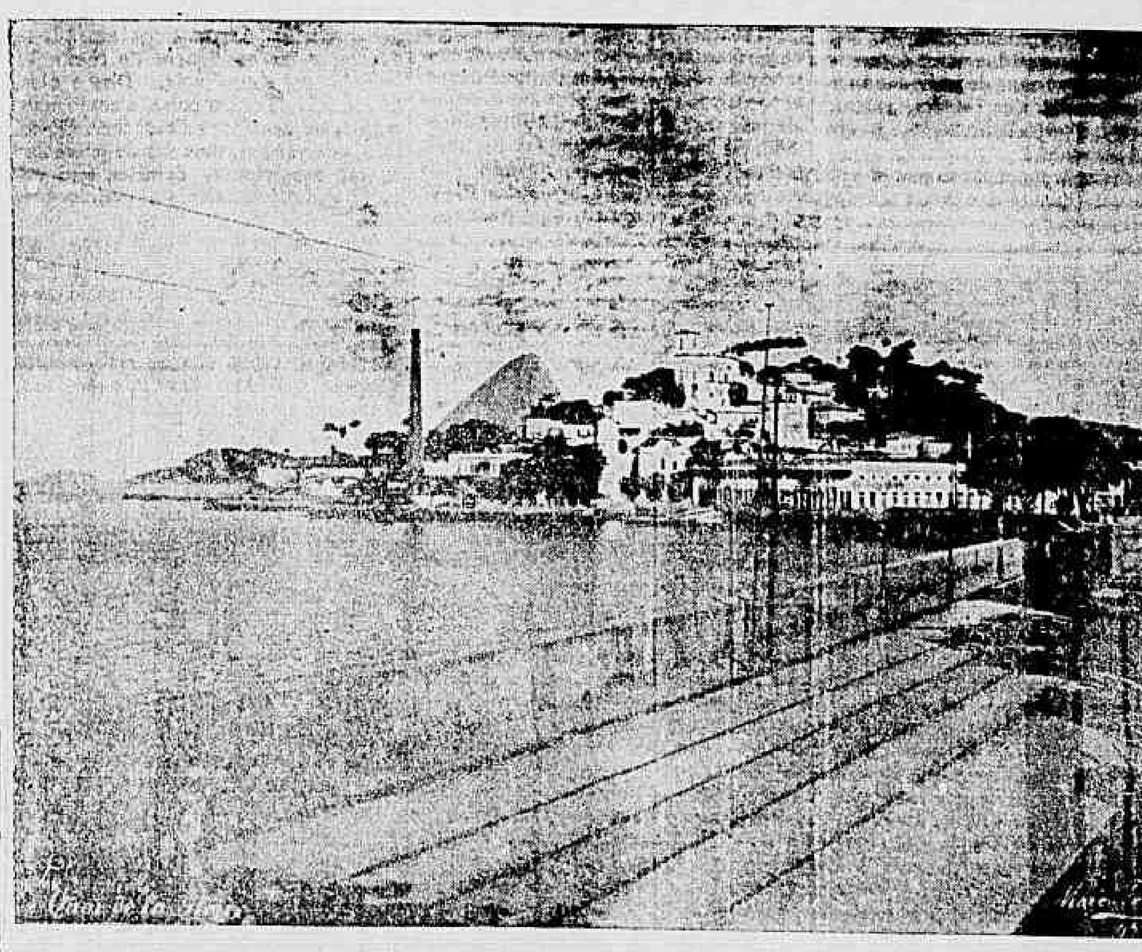
Durante esse lapso de tempo, os terroristas mataram 114 governadores de provincias, 123 funccionarios subalternos, 109 generaes e officiaes de patente superior, 750 soldados e cossacos, [illegible] officiaes superiores de policia, [illegible] gendarmens e agentes de segurança, [illegible] officiaes subalternos de policia, o que perfaz a totalidade 1.88[illegible] funccionarios de todas as classes, assassinados [illegible] que receberam ferimentos de que [illegible] morte. 224 destes attentados foram praticados com bombas de dynamite, a saber: 65 ao sul da Russia, [illegible] te, 31 no centro, 30 no Caucaso, [illegible] na Polonia, 18 nas residencias [illegible] e [illegible] a na Siberia.

Os attentados agrarios, incendios, [illegible] lhagens, etc., foram em numero de 1629; 228 palacios de proprietarios agricolas foram reduzidos a [illegible]

Agora, o reverso da medalha: a repressão. De outubro de 1905 a março de 1906 os tribunaes militares condemnaram á morte 1.516 individuos de ambos os sexos. Além disto morreram em combate com as tropas [illegible] 16.992 pessoas, ficando [illegible] tidas 4.331 nos motins [illegible] judeus. Os prejuizos [illegible] priedades destruidas [illegible] 50.000.000 de rublos, o[illegible] ximadamente 25.40[illegible] moeda.

O numero de presos [illegible] comprehendendo 23 [illegible] da Duma. A maior parte [illegible] deportados para a Siberia.

Pavorosa estatistica, [illegible]



A antiga praia da Lapa

Marianninha

EPISODIO PAULISTA

[illegible]entava-se por esse tempo, num dos melhores theatros de S. Paulo, velha e decantada opereta—conhecidissima, dessas, cuja musica apaixonada e [illegible] para os nossos velhos, lembra evocações saudosas. *[illegible] da viuva*. Casa cheia, repleta, como se diz na giria dos [illegible]. Camarotes e platéa regorgitavam do que ha de mais *chic* na elite da nossa capital, nas galerias predominava o borborinho, peculiar á [illegible] pacata, em sua maioria [illegible], impando de satisfação, com [illegible] muito ao seu modo os [illegible] e trucs da representação. [illegible] dizer que a Academia de [illegible], como soe acontecer em todas as festas e reuniões paulistanas, achava-se [illegible] representada por um [illegible] contingente do que ella tem de [illegible] garboso e apresentavel, desde o [illegible] calouro, até ao [illegible] pertigado e *toujours* [illegible].

[illegible] estavam o Almeidinha e o [illegible] o Azeredo Silva do [illegible], o Campello, o Mario [illegible] mais para a frente, si [illegible] da memoria, em tres [illegible] da 2ª fila, unidos todos—o Luiz [illegible], o Candido Pereira da Silva—[illegible] Candinho, e o Sylvio de Queiroz, [illegible] do 5º anno; entre este ultimo, que [illegible] magro, e á esquerda uma respeitavel matrona de lassas banhas, achava-se [illegible] insignificante rabiscador destas linhas.

Collegas de todos tres, todavia, por [illegible] que não se explicar e que se não [illegible] chamada talvez sympathia, a [illegible] que o Sylvio e eu eramos [illegible] como [illegible] por toda parte, estavamos [illegible] unidos sempre.

Não conta a historia sacrificios nem [illegible] de um para com outro, no [illegible] a sympathia era real, existente, [illegible] sincera entre nós ambos.

[illegible] acto que eu notára que [illegible] meu amigo Sylvio não estava [illegible] muito bem assentada. Não [illegible]

Algo de extraordinario, de inquietador havia para elle num dos camarotes [illegible] que tanto e tão repetidas vezes lhe chamava a attenção.

[illegible] vulgar. Quantas [illegible] estado em festas, bailes, reuniões; aqui, ali, em casa [illegible] e o Sylvio sempre o mesmo para commigo, sempre me dispensando particular attenção, até nas [illegible] mais intimas, mais insignificantes que eu lhe dizia...

Como pois conceber semelhante pouco caso, semelhante desattenção para [illegible] pessoa?

[illegible] estava acostumado...

[illegible] em scena Cupido? Seria acaso um corpo esbelto e gracioso? ... uns olhos grandes e escuros como a noite?... um joven e formoso rosto de mulher?... seriam todos estes elementos [illegible] e tentadores que tanto inquietavam o meu Sylvio naquelle importuno camarote?

Mais que provavel!

A mim, porém, no meu amor proprio offendido, é que não ficava bem aturar por mais tempo uma tão cruel indifferença [illegible] de uma festa, resolvi o desfecho.

Nisto, vozes se ouvem, prolongado [illegible] de palmas [illegible]. Entravamos [illegible] intervallo do 2º para o 3º acto.

Vamos lá para fóra. Vamos.

—Pois é como te digo. Vi-a pela primeira vez ante-hontem na rua Quinze, e como fiquei... como fiquei...

— Todo babado...

— Isso ou quasi isso. Não é crime confessal-o. Sabes que até hoje nunca [illegible] uma verdade, e demais...

Nisto que iamos andando, eu e o Sylvio absorvidos no afan das indagações, esses [illegible] com um taboleiro dos muitos [illegible] que a guiza de mesa, haviam espalhados pelo terraço.

Abancar e chupitar um «grog» qualquer era necessario, pois a differença de temperatura, cá fóra, era sensivel, e um restriamento...um resfriamento em S. Paulo não é graça.

Demais—proseguiu o Sylvio, visivelmente enthusiasmado—como vês, ella é linda, insinuante, extraordinariamente seductora...

Repara bem no moreno daquelle rosto, naquelles olhos, naquella bocca; vê que busto, que cintura, que porte, divino... não lhe falta nada!

!!!

Eu estava simplesmente boquiaberto, ante a confissão que acabava de ouvir.

Pois que? tu, Sylvio?... Tu, que tens sido o estudante mais *conquerant*, o maior *flaneur* de S. Paulo, o rapaz mais gosador desta vida?... tu?

Realmente, era para qualquer um nas minhas condições ficar abysmado!

Bem dizia o avô de meu pae: A occasião é que faz o ladrão. E foi isso mesmo.

Eu, entretanto, confesso a minha fraqueza, fraqueza—aliás, notada em bem poucas occasiões, tive ardente curiosidade de saber mais pormenores da forte paixão que tão rapidamente empolgara o animo do meu melhor amigo.

— E de que familia é? Como se chama? indaguei, debruçando-me todo sobre a mesa, para melhor ouvir as respostas do Sylvio.

— O pae e a mãe della, que são aquelles que vistes no camarote, são os mesmos do Camargo, nosso collega, ella chama-se Marianna.

— Que Camargo? o do 5º anno?

— Sim.

— Mas como tu nem eu a conheciamos? Como até hoje nunca a vimos por aqui?—me parece que S. Paulo não é tão grande assim...

— Isso se explica facilmente.

E que ella mora em uma grande fazenda, creio que para os lados de S. Manoel, e raramente, uma vez no anno, quasi sempre, é que vem a S. Paulo.

Esta! Não é que a beldade do Sylvio é irmã de um nosso collega, de um do nosso amigo, e... do homem mais feio deste mundo?

Como vêm, o Sylvio estava já conhecedor de todas as minudencias, dos mais intimos detalhes a respeito da familia Camargo.

Eu, embora, no meu intimo tivesse impetos de feroz egoismo, vontade de dissuadil-o desse amor, dessa paixão abrupta e indomada, sentia por outro lado, como que doer-me a consciencia, como que uma pontinha de remorso em não auxilial-o em tão difficil conjunctura.

Pois si ella era bonita, de boa familia, pobre—que importa?—si viesse ainda a corresponder ao seu grande amor, por que então contrarial-o, por que fazel-o desistir, quem sabe? da sua completa felicidade?

Perdia-me eu nessas conjecturas, e por seu lado, o Sylvio tambem nas suas, ambos envolvidos pela fumarada de bons *havanas*, quando, rapido, á distancia, sem que fossemos notados, passou o Raul, irmão da Marianninha Camargo, que vinha assistir, em companhia da familia, aos dois ultimos e melhores actos do espectaculo.

Que sorte! Que excellente nova para o Sylvio!

O Raul!

???

A'quella subita apparição seus olhos tremeluziram, ao mesmo tempo que lhe eriçava a espinha um fremito de timida satisfação.

— Viste? perguntou-me elle ainda meio attonito.

— Vi. E tiraste a sorte grande. Sómente, si não queres perder a vasa —accrescentei logo — e si queres mexer sondar o terreno, não tens que hesitar: — uma apresentação do Raul á familia.

— Pois naturalmente, isso e mais nada; no proximo entre-acto...

E dizendo isto, o Sylvio não se conteve: de um salto, levanta-se (sem saber como, fiz o mesmo), arruma-me com um furioso abraço, e num *shakehands* formidavel: Toque! Toque estes ossos! Sempre foste e és para mim o que sempre serás: Um grande amigo!

E saimos.

O Sylvio era, o que se podia dizer, um rapaz bonito, na verdadeira accepção da palavra.

Alto, cheio de corpo—sem peccar por isso, rosto moreno, ensombrado por pequeno bigode a Kaiser, cabellos e olhos negros, muito expressivos, eram, em summa, os principaes dotes physicos que, alliados a um trato, e a uma affabilidade extrema, lhe valiam ser querido, e mesmo requestado por todos. Como elle captivava!... Como sabia insinuar-se!

Quantas de vós, pobres donzellas, incautas raparigas, não existis por ahi, ainda com o coração crestado pela chamma daquelle amor voluvel?

E no entanto, o Sylvio não era máo, não era.

Tinha esse fraco, ou, si quizerem mesmo, esse defeito, essa febre ardente de conquistar, seja quem fosse, sem discreção alguma, meninas, moças, casadas, viuvas... de a todas colher nas malhas do seu amor perigosissimo.

Tinha esse defeito... mas, quem no seu logar, tel-o-ia da mesma forma?

— A apresentação á familia Camargo nada custou. O nosso amigo Raul caiu como um patinho nas capciosas indirectas que para aquelle fim lhe armara o ardiloso Sylvio.

Em poucos momentos estava elle na mais franca e cordeal palestra com todas as pessoas da familia Camargo.

Eram amabilidades para o sympathico industrial, eram cortezias para a velha d. Gabriela, eram caricias para a Lili, irmã de Marianninha, e, sobretudo, eram mil e uma attenções e cuidados para com esta, de quem não perdia siquer o minimo movimento, a mais leve contracção da physionomia.

O Sylvio, entretanto—devo dizel-o já—era amavel e cortez por natureza.

Tudo aquillo elle fazia pela maciota, com simplicidade, naturalmente, sem bajoujas tolices nem enjoada affectação.

Ora! quem, desta fórma, não vencerá? quem, neste mundo ingrato, que não goste que se lhe trate bem?—quem que se não enleve por attenções e carinhos, quando estes nos pareçam sinceros?

E além de tudo, o Sylvio era um futuro bacharel... si não positivamente rico, ao menos já com um começo de vida, com o seu peculio feito...

Com tantos e tão bons predicados—é claro, não lhe foi difficil a victoria, e o Sylvio venceu, venceu em toda a linha.

Marianninha nessa mesma noite já não se pertencia.

Junho, o friorento mez de festas, vem entrando. O mez de S. João e de S. Pedro, das fogueiras e dos balões, o dilecto mez dos estudantes...

Ah! os estudantes!

Quantos neste mez, desconfiados *bichos*, pernosticos calouros, austeros convencidos veteranos, não debandam para longe, para longinquas plagas, em busca do patrio ninho, do bom lar querido? Qual o estudante que neste mez não procura as caricias e o aconchego o bom conforto da familia extremecida e saudosa?

Ah! os estudantes!... Como elles têm fama, e como são queridos!

Entretanto—ó tradição! não são elles hoje o que eram outr'ora.

Está tudo tão mudado...

Dia 3. O velho Camargo parte na manhã seguinte com toda a familia para a fazenda.

Acompanha-o o Raul, e com o Raul parte o meu inseparavel e adorado Sylvio.

Quiz ir, insistiu em acceder ao convite do familia... Que fazer?

Que vá, o resultado... o de sempre: mais uma victima no ról das muitas existentes.

Pois é lá crivel, poder-se-a admittir que seja verdadeira e sincera aquella ardente paixão pela Marianninha Camargo? O Sylvio?... elle mesmo?

Qual! o futuro dil-o-á.

Desde que o Sylvio partiu, isto ha 35 dias, é esta a terceira carta que elle me escreve, datada, como verão depois de S. Paulo. (Achava-me então no Rio de Janeiro).

Da primeira, escripta da fazenda, depois de dar-me noticias da viagem e descrever passeios e caçadas que fizéra, entra no assumpto dos seus amores... Diz-me que «a coisa vae indo...» que já são quasi noivos... que, como estou vendo, «eram infundadas as minhas previsões...» e por ahi a fóra segue elle o rumo costumeiro das suas fantasias... e leviandades.

A segunda não recebi, naturalmente, algum extravio. Da terceira que é a que acima me referi, eis o seu texto, na integra:

«São Paulo, 8 de julho de 902.

Meu caro, meu bom Octavio.

Eis-me enfim de volta á minha e tua muito amada Paulicéa.

Nada de novo por aqui, a não ser que as aulas estão funccionando, e que apenas faltam, para o fim do anno, quatro mezes.

Por compensação, tenho muito a dizer-te a respeito dos meus ultimos dias na fazenda, e da minha muito celebre e sempre lembrada viagem de regresso.

Nunca pensei, meu caro Octavio, inspirar tão grande paixão na minha vida. Digo-t'o com a franqueza de um amigo, jámais com ufania ou vaidade, que nunca as tive.

Marianninha, nas vesperas da minha partida, era uma louca; nada mais queria que eu fizesse sinão jazer dia e noite ao seu lado, só para ella olhar, só com ella conversar, só e só a ella attender. Não admittia mais que eu saisse, que andasse a cavallo, que fosse caçar, que passeasse, que me divertisse, que, enfim, della me ausentasse um minuto, nada!

Debalde, eu lhe fazia ver que aquillo não era direito, que lhe ficava mal, porquanto, gostando eu muito della, embora, muito em breve mesmo estivesse compromettido, comtudo, ainda não me havia pronunciado, ainda não me julgava seu noivo...

A tudo, porém ella resistia, sob o unico pretexto, coitada, de que eu ia para longe, de que ia me ausentar della por tanto tempo... etc... etc.

A que attribuir semelhante explosão de amor? tal e tão irrefreiada paixão?

Não é difficil responder, digo-te: em primeiro logar as vistas excessivamente gordas que a tudo fazia a familia de Marianninha, em segundo logar a uma educação defeituosa aliada a um temperamento fraco, ao mesmo tempo que a um coração brandissimo, em excesso terno e amoroso.

Marianninha era victima da sua propria fraqueza.

Ah! e no dia da partida então... como soffreu, como lhe custou...

Pareço-me ainda que a estou vendo naquella semi-escuridão da madrugada, em frente á porteira da fazenda, no meio daquella estrada invia e deserta... Que frio fazia!

Mortiço luar, de uma meia Lua prestes a desapparecer por traz da serrania, esbranquiçava o espaço...

O nevoeiro caia... Uma vaga penumbra de tedio e de tristeza invadia tudo, por tudo pairava tumular silencio, por tudo uma infinda e atroz melancolia!

Que tétrico scenario!

Ha por ahi, meu bom Octavio, quem tenha partido muitas vezes, um milhão de vezes, mas quem saiba o que é uma partida, de madrugada, na roça, em tempo de frio, e, principalmente, deixando-se immersa na dor uma creatura que nos ama, e a quem devotamos amor... certamente, que ha bem poucos mortaes que saibam, nessas condições, o que é uma partida.

A familia Camargo, toda ella, nesse dia despertára mais cedo.

Marianninha, essa então, não dormira a noite toda, e apenas me levantei e comecei a arrumar as malas—estava ella junto a mim, á cabeceira da cama, assistindo muda e impassivel, entre incontidos soluços e deslizar de lagrimas, áquella scena, para ella amarissima, peior do que quanta dor physica, do que dezenas de punhaladas a um só tempo.

Por fim, após tudo prompto, a matalotagem toda ali, em ordem, preparada, foram-nos trazidos, para mim e para o Raul, que tambem partia, e para dous camaradas mais, os animaes com que deveriamos galgar as tres leguas da fazenda á minuscula estação da Sorocabana.

Montámos e partimos. Já bem distante, a sumirmo-nos numa curva do caminho, ainda vi mal e mal, atravez da torva claridade, o vulto da meiga e boa Marianninha, que no meio da estrada, num frenesi de ultimo adeus, me acenava o lencinho braco.

Coitada!

Enfim, meu caro Octavio, esta já vae demais longa. O dever para comtigo está cumprido e a consciencia satisfeita.

Responde-me logo, dizendo o dia em que pretendes voltar.

Recebe um saudosissimo abraço de quem é muito teu amigo

Sylvio Queiroz.»

Leram? Apreciaram bem?

Pois bem. No fim desse mesmo anno, no mesmo dia da collação do gráo, Sylvio de Queiroz unia-se para sempre, pelos indissoluveis laços do matrimonio, a uma prima feissima, mas muito rica! chegada, não havia dois mezes, da Europa, onde se educára.

Por outro lado, tomava eu rumo diverso, e era assim desfeita, como no despertar de um sonho, a nossa boa união e melhor camaradagem de tantos annos.

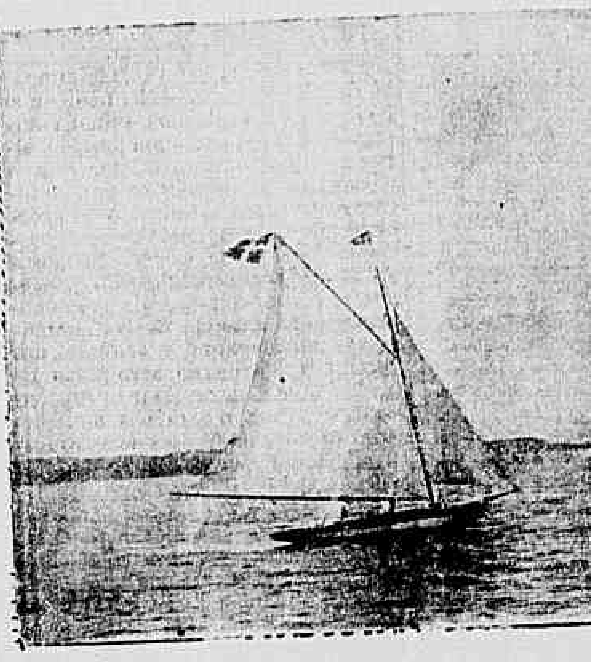
De Marianninha nunca mais tive noticias.

Tout passe.

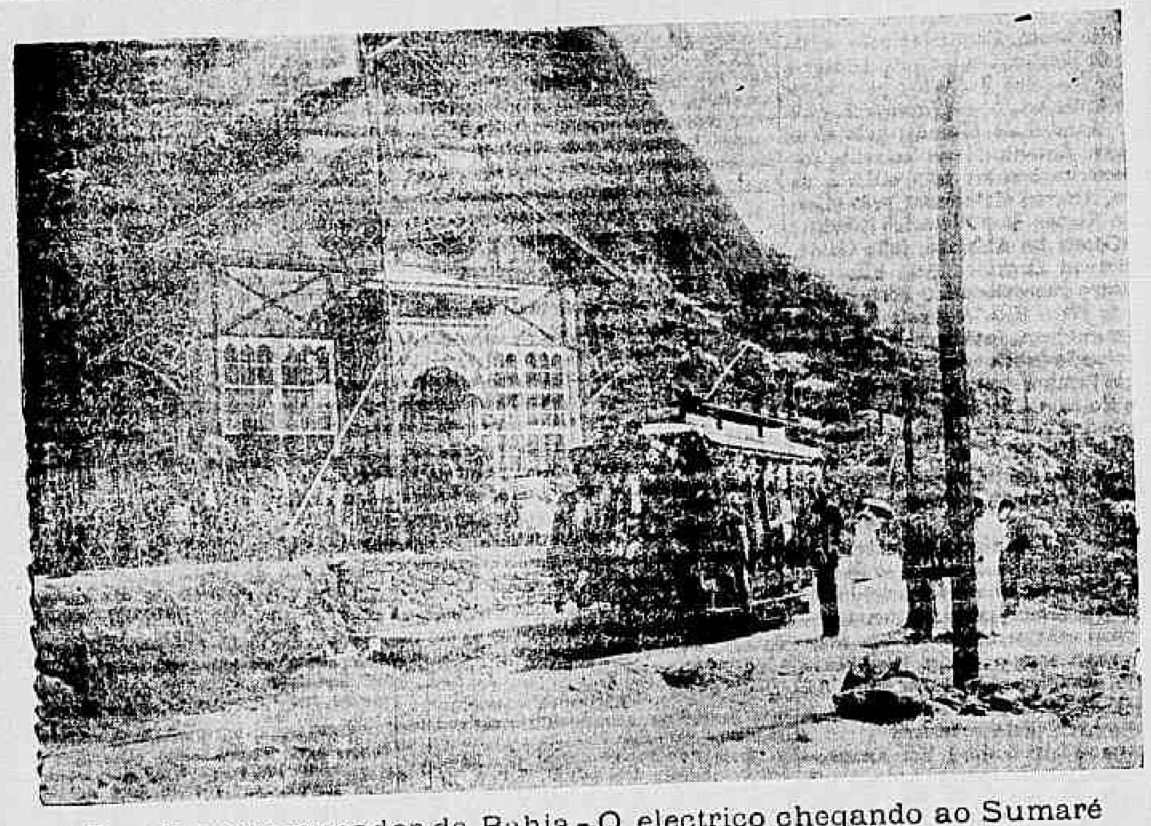
S. Paulo, dezembro de 906.

Octavio Jurema

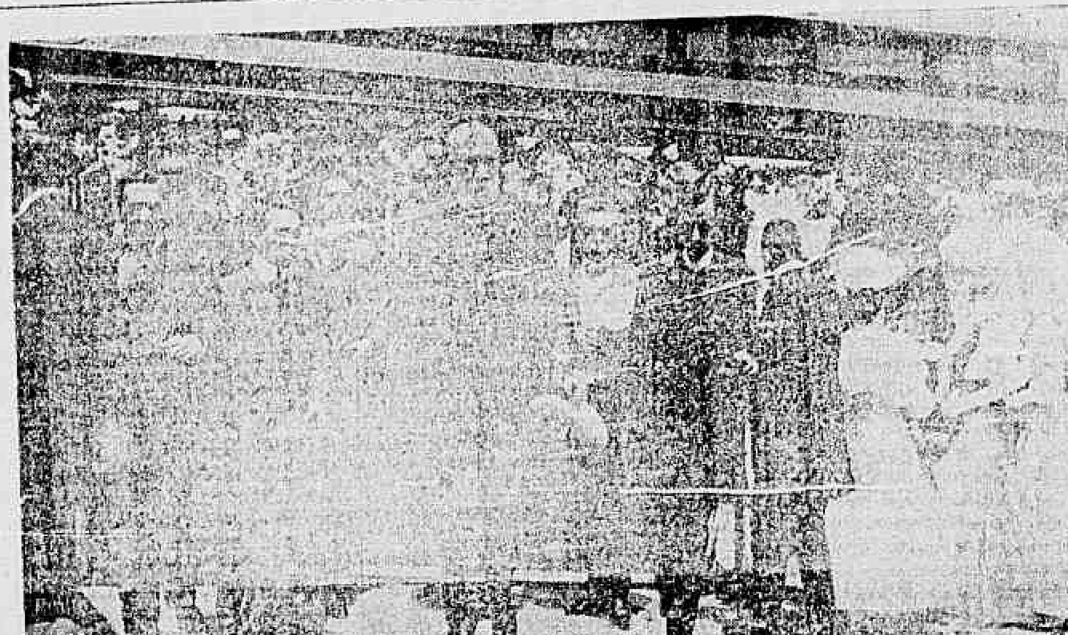
YACHTING CLUB



O Yacht "Fry"



Pic-nic ao governador da Bahia - O electrico chegando ao Sumaré



O dr. José Marcellino e convidados, desembarcando no Sumaré

Secção de propaganda

A vida de um pintor celebre

Rembrandt e a sua avareza — Extratagemas — O seu amor pela arte — Fim triste.

Poucas vidas de artistas têm sido mais interessantes do que a de Rembrandt. Como si a sua existencia reflectisse o seu genio, abundam nella os traços de luz vivissima, junto de enormes manchas de sombras; ao lado de acções grandes e generosas, factos miserrimos e despresiveis; um claro escuro psycologico, emfim, que sorprehende e que admira, como admiram e sorprehendem sempre os grandes contrastes.

Tem havido muita fantasia sobre a vida do grande pintor hollandez do seculo XVII, mas, depois dos eruditos trabalhos de investigações feitas pelo seu principal biographo, Sohetema, está hoje perfeitamente esclarecida.

Rembrandt era homem extremamente avaro; os seus melhores jantares limitavam-se a arenques seccos, pão e queijo. Os expedientes que imaginava para augmentar os rendimentos eram originalissimos. Entre outros conta-se que uma vez, de accordo com sua esposa, fez espalhar o boato da sua morte. Immediatamente começou a subir o valor das suas obras. Houve um dia em que chegaram a ter um preço dez vezes maior. Os collecionadores invadiam o «atelier» do grande pintor e a pseuda viuva, mostrando-se inconsolavel, ia embolsando florins sobre florins. Na occasião em que da sua galeria era tirado o ultimo quadro, Rembrandt «resuscitou», voltando ás realidades deste mundo entre milhares de dobrões de ouro.

Uma das coisas que mais intrigavam os contemporaneos do insigne pintor hollandez era a applicação que elle dava aos colossaes rendimentos ganhos no exercicio da sua profissão. Esse enygma foi mais tarde explicado, quando o artista se viu mettido numas questões judiciaes. Então é que se soube que Rembrandt gastava tudo para crear, para seu deleite artistico, uma magnifica galeria onde existiam quadros de todos os mestres hollandezes e flamengos, celebres naquella época, e de Raphael Giorgine e Palma o Velho; estatuas antigas, bustos de Miguel Angelo, estampas e aguas-fortes de Rubens, Ticiano e outros colossos da pintura. Todas essas riquezas artisticas, cuja acquisição talvez fosse a causa principal das difficuldades economicas de Rembrandt, foram vendidas por baixo preço, o bastante para aplacar os credores mais exigentes.

Certo dia, estava pintando um quadro de familia, que tivera ajustado por uma somma elevada. Os retratados eram ricos e Rembrandt queria agradar-lhes a todo o transe. Já tinha agrupado com a maior arte as principaes cabeças e estava recebendo as felicitações enthusiasmadas dos seus modelos, quando lhe annunciaram a morte dum macaco que elle muito estimava. O pintor exhalou um profundo suspiro e continuou pintando. Mas já o pincel não traçava as linhas physionomicas da familia burgueza, mas... as do fallecido macaco. Como era natural — os seus clientes incommodaram-se muito ao verem incluido no grupo aquelle «figurão» e exigiram ao artista que rasgasse a tela. Rembrandt oppoz-se, deu por nullo o contrato e levou para casa o quadro incompleto.

Rembrandt tinha um grande enthusiasmo pela sua arte. Se se comparar a sua obra com a dos outros pintores antigos, ver-se-á que ella representa uma somma de trabalho enormissimo, nunca egualada por nenhum dos mais fecundos artistas que o precederam ou succederam. A tal ponto chagava o seu gosto de pintar, que quando não tinha encommendas da sua clientela, dedicava-se a retratar as pessoas de familia ou a si proprio. Só delle, conhecem-se mais de quarenta, correspondendo muitos destes á ultima época da sua vida, quando estava já sosinho no mundo, passando miseravelmente, esquecido e desprezado por toda a gente.

A sua velhice não podia ter sido mais dolorosa. Uma má estrella, a mesma que costuma perseguir os grandes genios, brilhou inexoravel sobre a cabeça do pintor hollandez. Chegou um dia em que não tinha de seu nem a mais insignificante moeda de cobre. Quasi chegou a viver de esmolas. Já muito velho e doente, estabeleceu o seu «atelier» no meio da praça publica e vendia por preços vis os ultimos dos seus quadros que ia pintando a toda a pressa, para não morrer de fome!

A sua desventura levou-o até a não ter um misero quarto, nem uma modestissima cama onde repousasse o seu corpo gasto em trabalhos que seriam mais tarde a gloria do seu paiz e a admiração do mundo inteiro!

Cartas de Voltaire

O archivo secreto de Berlim acaba de fazer acquisição de uma collecção de cartas ineditas de Voltaire, dirigidas a Frederico o Grande, em numero de 184, abrangendo um periodo que vae de 1740 a 1774, e cuja existencia era ignorada do publico. Essas cartas pertenciam a um francez, que as vendeu ao Archivo de Berlim. A nova collecção será objecto de um estudo, afim de serem dadas á publicidade.

Esses autographos, ao que parece, tem um grande valor documentario.

Um interessante discurso do professor Barret

O dr. Barret é professor da Universidade de Dublin, ex-presidente da Sociedade Ingleza de Investigações Psychicas, logar hoje occupado pelo illustre physiologista dr. Carlos Richet.

Em 20 de outubro de 1904 o professor W. Barret fez na *London Spiritualist Alliance*, um notavel discurso cujo resumo é o seguinte:

«Nem o logar nem a opportunidade são proprios para fazer considerações sobre a obra desempenhada pela Sociedade de Investigações Psychicas, no periodo dos ultimos vinte e tres annos.

Este instituto contribuiu a modificar a opinião publica sobre estas questões e confirmou a realidade dos phenomenos, que outr'ora apenas chamavam sobre si o ridiculo...

Como já tive occasião de dizer em meu discurso presidencial de janeiro ultimo, nós devemos muito a estes bravos pioneiros, que como nós, têm tido a coragem de fazer investigações e proclamar sua crença em phenomenos que a maioria do publico desprezava e repellia.

Estes phenomenos, tanto tempo desprezados pelo preconceito, eram todavia os mais importantes para nosso interesse e nosso exame, pois que se referiam a nada menos que a communicações entre as intelligencias visiveis e invisiveis.

Era realmente o espirito da verdadeira investigação scientifica o que animava estes primeiros pesquizadores.

Vós e os que vos precederam affrontastes o ridiculo e a perseguição social para fazer estas investigações e para declarar e manter o que tinheis como verdadeiro.

E todavia, appellidaram-vos de superstíciosos! Não, senhores, não é a vós que esse titulo pertence; supersticiosos são os que recusam fazer investigações e enterram a cabeça na areia. (*Vozes de approvação!*)

Com effeito, que é superstição?— O receio do desconhecido, como dizia Charles Kingsley, é a base e a essencia da superstição; receio de que alguma convicção religiosa possa ser abalada; receio de que alguma opinião preconcebida ou qualquer dogma seja destruido; receio de que se possa rir de vós ou dos outros.

O medo é, repito-o, a essencia da superstição; por isso affirmo que os supersticiosos do nosso tempo não são somente os credulos que existem em todas as communhões, mas tambem os incredulos que recusam examinar as questões e inventam toda a especie de hypotheses absurdas para evitar pôr em duvida o dogma dos nossos modernos saduceus—de que a personalidade não póde existir sem um corpo visivel. (*Muito bem!*)

E' e bem poderá ser sempre, impossivel obter uma certeza logica e mathematica relativa á existencia de uma ordem de seres invisiveis.

Mas o raciocinio formal e logico, como o prova Newman, não consiste no methodo que nos permitte, em linha de facto, obter a certeza do que é concreto.

O methodo real e necessario, diz o dr. Newman, é a accumulação de probabilidades, independentes umas das outras», derivadas da natureza e do acaso especial de que nos occupamos.

E por essa razão que eu sustento que a verdade das communicações espirituaes e de todos os phenomenos a que prestaes o vosso assentimento, deve ser julgada dessa fórma, isto é, pelas provas tomadas em seu conjuncto.

Si assim fizermos, as provas que possuimos podem classificar-se em dois grupos, não tendo comtudo entre elles uma linha definitiva de demarcação.

A causa dos phenomenos pertencente a um destes grupos parece ser o resultado de certas forças, que restem latentes na nossa personalidade humana presente, e que nos são revelados pelo organismo especial do que se chama um *medium*.

No outro grupo mais restricto, a causa parece estar nas mesmas forças, exercidas agora por *personalidades invisiveis*, algumas das quaes viveram já na Terra, isto é o inconsciente do *medium* seria o instrumento, *do qual*, no primeiro caso, e *pelo qual*, no segundo, nos vem a communicação.

Naturalmente não é preciso concluir daqui que todas estas ultimas communicações têm uma origem ultra-terrestre, pois hoje todos nós sabemos que influencias telepathicas, vindas de pessoas distantes, podem dar-lhes origem.

Digo isto de passagem, unicamente para recordar quanto cumpre submetter as manifestações espiritualistas a um exame severo, antes de pronunciar-se sobre a sua proveniencia.

Com eff[illegible] sustento energicamente que o «Continente obscuro», que em nós mesmos existe, contem mais algumas coisa que as recordações do passado e as impressões esquecidas.

Como vós, eu tambem proclamo que ha alguma coisa de *supra liminal*, bem como alguma coisa de *subliminal*, tendo as faculdades mais elevadas de nossa consciencia um laço que prende nossa vida individual á fonte da mesma vida, ao oceano da vida universal.

E nisto acredito e isto affirmou esse profundo philosopho, Kant, que antecipando nossos conhecimentos actuaes, tão limitados ainda, disse ha tanto tempo já:

« E' pois quasi provado que a alma humana, mesmo nesta vida, se acha em comunhão indissoluvel com todas as naturezas immateriaes do mundo espiritual, que opéra directamente sobre ellas, e dellas recebe impressões, que todavia não apercebemos no estado normal.»

E um pouco mais adiante: «E' pois realmente um só sujeito pertencendo, ao mesmo tempo, ao mundo visivel e ao invisivel, mas (como as representações sensoriaes de um destes mundos não estão associados com as idéas do outro) o que eu penso como espirito não é lembrado por mim como homem.»

Taes foram as notaveis affirmações deste grande pensador; eguaes idéas têm sido manifestadas por outros, antes e depois de Kant. Ha certamente um modo para além do nosso conhecimento normal, do qual não estamos separados nem pelo espaço, nem pelo tempo, mas tão sómente pela barreira das nossas percepções sensoriaes. Esta barreira constitue o que justamente se tem chamado limiar da sensibilidade, e que limita a superficie da nossa consciencia.

O organismo de uma ostra, por exemplo, tem um limiar muito baixo, de onde ella não póde perceber quasi parte alguma do nosso mundo sensivel.

Do mesmo modo o organismo physico é uma barreira que o separa do mundo vasto e transcendental de que fórma parte; mas este limiar—e eis o ponto estabelecido por nossas investigações—não é inamovivel.

Por vezes é deslocado em extaso, nos sonhos, no somno hypnotico; o espirito humano percorre, em certas occasiões, temporariamente, «os mundos inexplorados» por nossos sentidos.

Na clarividencia, nos estados profundos de hypnose e no somnambulismo, o limiar encontra-se muito afastado; uma consciencia mais elevada e mais profunda vem á superficie e ultrapassa as noções da nossa vida ordinaria. Esta intelligencia que bem poderia chamar-se com mais justeza a consciencia supraliminal, tem faculdades e percepções mais vastas e mais profundas que a da nossa consciencia normal.

Daqui podemos deduzir que a morte desloca ainda mais e de uma maneira permanente o limiar de que se trata; a consciencia sensorial constante desapparece, e esta faculdade perceptiva e raciocinante que nos clarividentes se nos mostra independente do corpo, não deve provavelmente poder ser destruida com elle.»

Os *Annaes das Sciencias Psychicas* donde tirei este extracto, commentam ainda: «Inutil será dizer que o discurso do professor Barret, de uma feição tão espiritual, foi vivamente applaudido nesse meio, em que alguns annos antes, havia sido friamente acolhida uma conferencia feita por um outro physico eminente sr. O. Lodge, que em breve devia ser um dos predecessores de Barret na presidencia da Sociedade de Investigações Psychicas.»

Oscar d'Argonnel

Penalidades antigas e modernas

E' curiosa a tabella de penalidades que existiam em França em 1314 para os diversos crimes contra pessoas. Assim por um «sôco» o aggressor pagava uma multa equivalente aos actuaes cinco centimos, e si houvesse sangue elevava-se essa multa a cincoenta centimos. Si, porém, o sôco produzisse a fractura do osso, então o caso era muito sério; os juizes impunham a pena de cento e setenta e cinco francos, o que representava para aquelles tempos uma fortuna!

As coisas mudaram de figura presentemente, escreve o «Strand Magazine». Por exemplo, o valor dado pela lei ingleza a um dedo é de 54 libras, que foram concedidas pela lei ingleza a uma lavadeira que perdeu o indicador numa engrenagem duma machina. Parte do dedo custa menos que o inteiro.

Um operario de Andover, que citou o proprietario da officina pela perda da phalangeta do dedo medio, teve a indemnização de 10 centavos por semana.

Um operario da British Electric Company, que perdeu, no trabalho, um olho, obteve a indemnização de 150 libras e a um mineiro foram concedidas 100 libras, tambem por um [illegible]

A vida amorosa de Chopin

Ante numerosa assistencia, o notabilissimo pianista Rey Colaço deu no Conservatorio Real de Lisboa, uma sessão musical exclusivamente dedicada ao famoso introductor em França das mazurkas... a recordação do seu nome dá actualidade ao presente artigo.

... era um homem cujo temperamento e sentimentos romanticos o evidenciaram sobre os outros compositores, exceptuando, talvez, Hector Berlioz. Era de natureza effeminado e de feições ... delicadas. Liszt comparava-o á ... «convolvulus» de haste muito fina, mas que supporta uma delicada flor.

Pela primeira vez amou em Vienna. Era muito novo, apaixonara-se, mas esquecia facilmente. Bastava-lhe uma noite. A senhora em questão era a filha dum jornalista austriaco, que em diversos artigos falara de Chopin como dum artista de primeira plana. Chamava-se Leopoldina Blabetka e era encantadora, e quando os dois se separaram, chorando com saudades, ella publicou, como lembrança, uma composição sua ácerca de Chopin.

Pouco influiu, porém, no seu animo, porque tempo depois o joven pianista encontrou a grande paixão da sua vida.

Era Constancia Gladouska, cantora e alumna do Conservatorio de Varsovia.

Liszt, descrevendo-a, chama-lhe «suave e linda», mas não ha a certeza que elle a visse alguma vez. O proprio Chopin conta que a encontrou num concerto «vestida de branco e com rosas na cabeça, encantadoramente bella».

— O seu «ré bemol» foi emittido tão magistralmente, accrescenta o enthusiasta apaixonado, que Zichuski declarou que só essa nota valia mil ducados.

Durante algum tempo contentou-se em a adorar de longe. A um amigo escreveu o seguinte:

«Achei, talvez por infelicidade, o meu ideal, a quem idolatro profunda e sinceramente. E decorreram já seis mezes e ainda não troquei com ella nem uma só palavra a respeito dos meus sonhos.»

E não havia razão apparente para se conservar afastado. Ella estudava, Chopin era musico, a posição social identica, mas o artista, com a sua timidez, nunca se sentiu com coragem de lhe falar.

Andava com a cabeça perdida. Principiou a namorar uma linda rapariga, só porque se chamava tambem Constancia. Que ella lhe deu um annel, é certo, mas suppõe-se que entre os dois houve limitada intimidade. Como quer que fosse, Constancia, em 1832, casou-se com um respeitavel negociante de Varsovia, e é de suppor que Chopin afinal a esquecesse por completo.

Tres annos depois encontrou Maria Wadzinski e desta vez chegou a ajustar casamento, embora sem muita vontade da familia da noiva. Os Wadzinski eram nobres e ricos e nessa época os pianistas não eram nem uma nem outra coisa.

Este romance acabou, casando-se Maria com outro, de quem se divorciou para se matrimoniar novamente.

Finalmente vem o caso de George Sand.

Si Chopin a amou ou não, nunca se averiguou bem.

O que é fóra de duvida é que tinha um grande poder nelle. Sabemos que não era bonita. Trigueira, pallida, «de physionomia triste, parecia indiana», segundo Musset. Heine, que costumava falar sempre claro, descreve-a como sendo baixa e gorda, muito morena, nariz grosso e mal feito, semitico, labios grossos e um queixo pequeno. Chopin foi com ella para Maiorca. Durante a sua prolongada doença tratou-o com carinho durante algum tempo até que se aborreceu delle. Mas Adden affirma que é um absurdo allegar-se que este rompimento fosse a causa da morte de Chopin. Elle era um tuberculoso, e, quando muito, abalou-lhe um tanto a saúde.

Actualidades portuguezas

A festa do Natal — O projecto da lei de imprensa — Falta de solidariedade — Um fura-rata

Começou hoje a debandada para a santa festa da familia, a sagrada festa do Lar.

Dia de tradições e recordações agradabilissimas, ella traz ao nosso espirito uma alegria infinita da satisfação de hoje ou ainda da saudade do passado.

E' sempre consolador a uma alma fazel-a viver da satisfação do momento ou da recordação dos tempos idos.

Sendo a festa do Natal a mais sympathica do Christianismo, ella mantem-se numa tradição religiosa e acarinhadora, especialmente no norte do paiz.

Desabrocham para ella as almas candidas e nunca ellas se espandiram nem espandem numa alegria tão espontanea e tão cordial.

Que o illustre director do «Correio da Manhã», que a illustrada redacção e todos que cooperam no engrandecimento deste jornal, assim como os meus presados leitores, tenham gosado essa felicidade e que o novo anno lhes seja cheio de prosperidades e venturas é o que eu intimamente desejo.

***

A festa do Natal e o frio intenso que atravessamos fizeram com que os acontecimentos se encolhessem e não saissem da toca.

A' parte a manifestação feita no dia 21 aos drs. Affonso Costa e Alexandre Braga, que constou de innumeros telegrammas que lhes foram enviados a felicital-os pelas suas reentradas no parlamento, a não ser isso, o facto mais importante foi o projecto da lei de imprensa.

Lá foram os representantes da Associação dos Jornalistas e de todos os jornaes do Porto — excepto a «Palavra» — entregar a representação, escripta pelo erudito publicista republicano José Pereira de Sampaio (Bruno).

Esse documento, que, muito melhor do que eu dirá o que é essa abominavel lei, é assim concebido:

Senhores deputados da nação portugueza: — A commissão de jornalistas portuenses abaixo assignada, em cumprimento do mandato que recebeu da imprensa periodica do Porto, convocada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, da mesma cidade, em uma reunião plenaria, afim de resolver sobre o projecto de lei da imprensa, que o actual governo propoz ás vossas deliberações, vêm perante vós, srs. deputados, interpretando o pensar e o sentir do jornalismo portuense, o qual é acompanhado nesta ordem de idéas pelo periodismo do norte do paiz, representar contra a approvação do referido projecto de lei, que considera como attentatorio dos direitos irrefragaveis dos cidadãos, como iniquo, immoral e, uma vez posto em execução, eminentemente nefasto para o progresso da cultura e civilização portugueza.

O peccado original do projecto

Não se demora a commissão dos jornalistas portuenses em, descriminadamente, analysar e discutir as intolerantes e minazes prescripções desse projecto liberticida, porquanto o reputa immelhoravel e, radical e originariamente viciado, insusceptivel de correcções parcellares que lhe attenuassem a gravidade e o tornassem relativamente acceitavel. A seu parecer e a parecer unanime dos seus committentes, esse funesto projecto deve ser rejeitado por completo sem que margem haja para se nutrir a esperança de o tornar viavel, mercê de emendas em uma ou outra das suas disposições e graças a alterações que lhe intercalassem aqui e ali prescripções mais consentaneas com o espirito da época e com o respeito devido á inviolabilidade da consciencia moral.

Nenhuma outra lei de imprensa que integralmente este projecto substituisse, por mais amplamente liberal que fosse, lograria o applauso da commissão signataria, visto como o jornalismo portuense entende e tem por doutrina que é erronea, abusiva e até mesmo inconstitucional, a feitura de leis especiaes para a imprensa, a qual deve, pelo contrario, estar sujeita á lei penal geral do paiz, sem foro privativo, antes submettida, como todas as classes sociaes, á alçada democratica e unica do jury.

Assim, a commissão signataria abstem-se de frizar as incongruencias e vexames que no projecto actual se contém, mesmo porque dessa penosa e ingloria tarefa a dispensa o exame critico de que o projecto tem sido alvo e de que tão fundamente ferido saiu nas analyses já até agora produzidas nas columnas do periodismo de Lisboa e Porto, em publicas conferencias por capacidades nacionaes abalisadas, em comicios, representações e protestos.

Não quer a commissão referir-se sequer á violencia exercida sobre os agentes do ministerio publico, forçados, por assim dizer, a encontrar culpas para garantirem a sua conservação no juridico funccionalismo. Não allude á instigação immoralissima que no projecto se faz para a delação e denuncia; nem á iniquidade que significa alonganimidade para a severidade de julgamentos, de par com a intolerancia e repulsa em detrimento da benegnidade das sentenças. Não reclama mesmo pelo vexame infligido ao jornalismo, com a obrigação da inserção dos desmentidos officiaes, o que inaugura em Portugal a praxe dos communicados governativos, que uma das mais injuriosas affrontas constituiu do regimen da imprensa em França, no periodo mais compressivo e tyrannisador do segundo imperio napoleonico.

Bastará, de passagem, consignar a propositada ambiguidade com que a lei em projecto fala, para as punir draconianamente, das referencias, allusões ou phrases equivocas que em alguma publicação possam implicar diffamação ou injuria para alguem; o caracter vago de semelhante artigo abre a porta a todas as malevolas interpretações e sujeita a liberdade do escriptor mais calmo e inoffensivo á prepotencia derivada do significado abusivo que se dê a suas palavras.

A intenção inimiga do projecto patenteia-se em todos os seus lares como nessa violenta prescripção que estatue que ainda quando o procurador regio entender que ha logar a procedimento criminal, não obstante a opinião unanime em contrario dos seus subordinados, dará ordem ao respectivo delegado para promover o processo. Esse proposito mortifero se assignala na escandalosa usurpação coercitiva que resalta do privilegio mobiliario especial, que preferirá a outro da mesma especie sobre a propriedade da publicação incriminada e sobre o material dos estabelecimentos onde esta houver sido composta e impressa, si o dono fôr o mesmo, bem como redunda outrosim na hypotheca legal sobre os immoveis, onde a composição e impressão houverem sido feitas, si elles pertencerem ao dono da publicação.

Na verdade, cotejando as leis de imprensa anteriores a esta e tristemente registadas na historia moral e politica portugueza como monumentos de obscurantismo e faccioso rancor, nada se encontra, ainda assim, que, em seus demeritos, se possa egualar a este projecto actual, que inaugura na materia uma intolerancia maior, porquanto não se limita, como as leis anteriores, tão só ao jornal, mas se abalança ainda a ameaçar e prescrever o livro, logo desde a especificação do seu artigo de introito, e quando se occupa em determinar a competencia do juizo para os processos de abuso de liberdade de imprensa, para a imprensa periodica, pelo local da séde da sua administração e para a imprensa ordinaria pelo domicilio do editor.

Mas, senhores deputados da nação portugueza, tão assanhado e colerico e o phrenesi deste projecto contra a liberdade do humano pensamento que não se contenta em victimar os jornaes e os livros portuguezes. Elle volta-se logo contra os jornaes estrangeiros e habilita o ministro do reino com poderes para ordenar a prohibição de qualquer numero de um periodico estrangeiro. Vae mais longe. Autoriza o conselho de ministros a prohibir a introducção e a circulação de quaesquer livros estrangeiros.

Assim, regressa Portugal no seculo XX ao tempo dos «livros prohibidos»; e nas livrarias, até mesmo no sagrado das familias, novamente se introduz uma policia inquisitorial, á busca de obras condemnadas e defesas.

Isto que parece um diabolico pesadello é o que o governo pretende que vós approveis, senhores deputados, que approveis egualmente a applicação da pena de 5$000 de multa por exemplar encontrado, devendo estes (assim o determina o projecto) ser apprehendidos pelas autoridades policiaes ou administrativas. Custa a crer.

A esta projectada lei a direcção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto qualificou de «monstruosa» e a commissão signataria não cuida que no vocabulo houvesse apaixonado exaggero antes sente que, infelizmente, elle corresponde á triste realidade da situação.

Todavia, a commissão signataria tem firme esperança de que vós outros, senhores deputados da nação portugueza, não corroborareis, por vossos votos, uma tentativa tão caracterizadamente reaccionaria e obscurantista, que deslustraria cruelmente as honrosas tradições da liberdade patria, conquistada a preço de muito e generoso sangue, enthusiastica e briosamente vertido, aliás, para que os direitos imprescriptiveis da consciencia fossem acatados e servidos nas leis.

E, por isso, inquieta pela tremenda ameaça governativa, mas confiante na vossa illustração e na sinceridade do vosso liberalismo, srs. deputados da nação portugueza, a commissão signataria, nesta succinta exposição se vos dirige e afouta-vos

P. que á nação portugueza, que representaes, lhe presteis o grande e incomparavel serviço de rejeitar, por completo, e em absoluto, a odiosa e liberticida lei de imprensa que mal e indevidamente o actual governo propõe á vossa approvação.

E. R. M.

Porto, 16 de dezembro de 1906.

Pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto:

João de Oliveira Ramos, presidente; Guedes de Oliveira, 1º secretario; Marcos Guedes, 2º secretario; pelo «Commercio do Porto», o director co-proprietario Bento Carqueja; pelo «Primeiro de Janeiro», o co-proprietario e director Joaquim Pacheco; pelo «Jornal de Noticias», o co-proprietario e director Annibal de Moraes; pela «Voz Publica», Antonio Maria Teixeira, co-proprietario-gerente; pelo «Diario da Tarde», Ricardo Malheiros; pelo «Correio do Norte», José Victorino Ribeiro; pela «Gazeta das Aldeias», Julio Gama, proprietario director, pelo «Boletim do Centro Pharmaceutico Portuguez», Eduardo Pinto Ribeiro; pela redacção da «Voz Publica», José Pereira Sampaio; pela redacção do «Commercio do Porto», Accacio Pereira; pela redacção do «Jornal de Noticias», Sá d'Albergaria, pela redacção do «Primeiro de Janeiro», João d'Oliveira Ramos.

Leram este documento? Leram os nomes que o firmam? Viram na minha ultima carta que tinha sido resolvido cortar relações com todos os individuos que interferissem na approvação da lei?

Pois tudo isso que foi resolvido ha oito dias já principia a desmantelar-se.

O jornal «O Correio do Norte» rompeu hontem esse accordo, legalmente firmado, publicando transcripto do «Correio da Noite», de Lisboa, todo o discurso do chefe do governo!!

Porque se falta assim a um compromisso tão formalmente tomado ainda ha tão pouco dias?

Isto não tem justificação possivel e é de todo ponto condemnavel, mas tem uma explicação, que eu vou dar para ahi, onde são desconhecidos os bastidores da imprensa portuense. O «Correio do Norte» é orgão dos industriaes e estes, na esperança de que o governo lhes approve a reforma das pautas, procuram por todas as maneiras ser agradaveis ao mesmo governo, não tendo o menor escrupulo em faltar a um compromisso tão recentemente tomado.

E' contando com a desunião da imprensa e com a sua falta de cohesão que por ella não têm o respeito devido aquelles que tanto a importunam com pedidos de favores. E' contando com essa falta de solidariedade que uns «parvenus» como o sr. Oliveira Mattos, deputado chronico por Argamil, se permittem dizer no parlamento que prescindem dos elogios da imprensa!

Causa asco e espanto uma tamanha audacia! Este Oliveira Mattos, que eu só conheço de nome mas que é um dos mais notaveis «intervalleiros comicos» do parlamento, tem vivido exclusivamente do reclame dos jornaes, a ponto de, quando fizesse qualquer discurso, mandar telegramma para elles elogiando o seu discurso e dizendo que elle tinha feito sensação, não passando, como depois se verificava, de um amontoado de palavras ocas, sem nexo, sem uma idéa e sem forma literaria. E é este patarata que se atreve a dizer em pleno parlamento que prescinde dos elogios da imprensa! Ainda espero ver outros que se encontram nas mesmas condições de Oliveira Mattos fazerem declaração identica.

E estes farçatas medram por culpa da imprensa — que os assopra, que os elogia, que os torna conhecidos para depois lhe pregarem um coice. E' bem feito!

Porto, 23 de dezembro de 1906.

Marcos Guedes

Um caso de sensação

A imprensa occupou-se recentemente dum caso verdadeiramente... americano! Miss Elisabeth Magie é uma intellectual cheia de fantasia. Vendo-se numa situação quasi visinha da miseria, annunciou que se venderia a quem mais offerecesse... Este caso de *escravatura branca* e escravatura voluntaria, produziu uma impressão enorme e toda a gente desatou a perguntar porque é que a illustre Miss se resolveria a annunciar-se em hasta publica como qualquer estabelecimento em liquidação. Mas ninguem soube os motivos que a levaram a pôr em pratica tão... americana resolução! O remate da aventura é que não deixa de ser curioso.

Miss Magie acaba de declarar pela imprensa que ninguem a comprehendeu. As cartas que recebeu — e foram numerosas — propunham-lhe ligações deshonestas, commercios escandalosos... Ninguem, absolutamente ninguem a havia comprehendido. O que ella propunha era pôr ao serviço doutrem a sua actividade, o seu talento, a cultura do seu espirito, a bondade e a generosidade da sua lama.

A besta humana, farejando uma mocidade sadia e radiosa, escreveu-lhe cartas miseraveis, cheias de paixão e de erros de grammatica. Mais Magie sentiu então por esta humanidade reles e torpe um profundissimo desprezo e resolveu... não se vender. A lição era-lhe propicia. Centenares de homens que lhe escreveram, nenhum lhe disse coisas ternas e honestas. Ella offerecia a sua intelligencia, o concurso da sua vontade, a cooperação do seu esforço: os homens pediam-lhe beijos e caricias ineditas... Decididamente a humanidade é feita de lodo e miseria.

Mas miss Magie até de sua situação e do seu desprezo pelo sexo forte vae tirar um grande partido. O jornal «Evening New-York Herald» convidou-a a escrever as suas «Memorias», narrando as suas desventuras e commentando as cartas que recebeu e tanto a affrontaram na sua dignidade de mulher. A loura miss acceitou, e vae decerto produzir uma obra tremenda destinada a um exito immenso, o que ella dirá dos homens, santissimo Deus!

Ponte sobre o Rio Pirahy, que o dr. Nilo Peçanha, ha muito, prometteu reconstruir e que ainda lá se acha em ruinas, dando logar a desastres diarios Ainda no dia 2 do corrente, dois empregados do dr. Seraphim Lima, caindo ao rio, escaparam milagrosamente de morrer afogados

Pela Hespanha

Madrid, 29 de dezembro.

Acontecimentos politicos — Os orçamentos — Mais impostos — A questão religiosa — Manifestação feminina — O governo não attende ao papa na intervenção da nunciatura de Paris — Pela Peninsula

E' sabido que no dia 1 de janeiro proximo deve começar a funccionar o novo orçamento geral do Estado, segundo determina a Constituição.

Nestas condições o governo empenha-se vivamente com todas as maiorias para que a discussão orçamental seja abreviada, para não causar perturbações de maior á marcha dos negocios publicos.

Depois do debate em que tomaram parte o ministro da fazenda e alguns deputados da minoria, o Congresso resolveu a formula de approvar o referido orçamento, sendo projectado approvarem as despezas conforme os orçamentos approvados pelo governo mas as receitas continuarão a ser regulamentadas de forma identica á do anno passado, até que sejam discutidas e approvadas as leis especiaes sobre receitas.

O ministro da fazenda leu ha dias no Congresso o projecto de lei estabelecendo o imposto transitorio de duas pezetas e cincoenta centimos por cada cem kilos para os trigos estrangeiros e quatro pezetas para as farinhas. Estes impostos serão pagos em ouro.

Foi tambem lido no Congresso o projecto relativo á cunhagem de oito milhões de pezetas de nickel do valor de 25 centimos, que substituirão egual quantia de cobre, a exemplo do que se praticou ha tempos na França.

A discussão do orçamento deve continuar depois do Natal, mas é fora de duvida que o governo conseguirá a sua approvação nas duas casas do parlamento até o fim do anno.

***

No Congresso continúa vivamente o debate ácerca do projecto de lei das associações.

O marquez de Vadillo pronunciou ha dias um vigoroso discurso reaccionario, a que respondeu o sr. Rodrigues Munoz, membro da commissão do projecto refutando todos os argumentos daquelle seu collega amigo do clero.

Em toda a peninsula continúa a agitação ácerca deste importante assumpto, mas os reaccionarios vão perdendo terreno, e é forçoso confessar que embaraçam as autoridades locaes a ponto de obrigarem algumas a demittir-se.

Todavia, essa atmosphera liberal que envolve a Europa tambem se está espalhando em toda a peninsula, devendo produzir beneficos resultados num futuro proximo.

Lembram-se com certeza de noticiarmos ha pouco que uma numerosa commissão de senhoras fôra ao palacio do Oriente representar ao rei os inconvenientes da lei das associações religiosas?

Pois não ficou sem resposta esta extravagante manifestação da nobreza hespanhola.

Na rua Pontejos celebrou-se ha pouco uma reunião feminina, que foi muito concorrida, onde usaram da palavra as senhoras Cipriana Ferreira, Dolores Benito, Angela Cantos, Rosaria Martin, Otilia Solera, Manuela Moreno, illustres representantes das alfaiates, lavadeiras, professoras particulares, modistas, cigarreiras etc.

A linda senhora Esther Azcanete, protestou contra a educação clerical, dizendo que as filhas devem animar suas mães em defesa dos direitos sociaes, como ella anima a sua; expôr á feminina assembléa a contemplação do triste espectaculo que offerece tanta menina infeliz, assignando mensagens contra as leis das associações sem saberem o que fazem.

Leram-se muitas mensagens de adhesão, entre ellas uma das lavadeiras e de differentes senhoras litteratas.

No Centro Republicano do districto da Universidade realizou-se tambem a primeira da serie de reuniões que o elemento feminino desta capital pretende levar a effeito, como protesto contra a lei das associações.

Em geral tomaram parte nesta manifestação anti-clerical as senhoras a que atrás nos referimos, tendo as oradoras phrases energicas que despertaram enthusiasmo no numeroso auditorio, onde o sexo feio estava tambem representado pelo sr. Caballero e por um grupo de republicanos.

A presidenta, d. Consuelo Alvarez, leu uma longa mensagem que vae ser entregue á rainha Victoria, em que se manifestam os inconvenientes da educação fradesca da Hespanha, principal inconveniente em que se baseiam os males do paiz, pedindo-lhe que interponha a sua valiosa influencia perante seu augusto marido Affonso XIII para que a lei das associações seja levada a effeito com brevidade.

***

A' muita gente parecerá ridicula a agitação das mulheres liberaes, desta capital, intervindo na questão religiosa. Mas, comprehenderão melhor quando se lembrarem que os reaccionarios fizeram assignar fartamente, nas egrejas e conventos, muitas mensagens, protestando contra a lei das associações.

Detraz dellas, o elemento clerical manobrou á vontade para sensibilizar aquellas que, alheias a assumptos politicos, são conhecidas pelas suas idéas religiosas — a rainha Christina, por exemplo.

Mas, esta luta entre as senhoras representantes da nobreza e as mulheres do povo, não deixa de apresentar a sua originalidade, nesta época de reivindicações populares, em que parece termos entrado novamente.

***

Nos centros liberaes causou agradavel impressão o facto do governo não attender as solicitações de Pio X para intervir no caso da nunciatura de Paris, pretendendo que a delegação hespanhola na capital da Republica Franceza tomasse conta dos papeis ali existentes.

Constou que, no conselho de ministros presidido pelo rei, onde foi tomada esta importante decisão, o governo repelliria por unanimidade as solicitações de Roma, e que Affonso XIII demonstrou aos seus ministros a firme vontade de não crear embaraços diplomaticos com uma nação vizinha e amiga.

Este incidente veiu demonstrar a todos que o chefe do Estado não está disposto a ouvir as reclamações dos reaccionarios; todavia estes possuem importantes elementos de combate e amanhã não ficaremos admirados si tivermos conhecimento do contrario.

Em volta do palacio do Oriente e nas duas casas do parlamento tece-se intriga consideravel e já se falou até que este governo não póde resistir muito tempo a esses trabalhos urdidos na sombra, que ninguem vê sinão pelos seus effeitos.

A opinião liberal do paiz continúa vencendo todas as difficuldades, mas os inimigos são temiveis e possuem a subida arte de intrigar tudo e todos, de maneira a destruir todas as iniciativas tendentes a entrarmos numa época rasgadamente liberal.

***

Malaga — O tenente da guarda civil da linha de Torremolino conseguiu prender o assassino de Miguel Cabezas Ruiz, encarregado da fabrica de aguardente de Santa Fé, que desde novembro ultimo andava foragido á policia.

— Manifestou-se incendio no vapor da Companhia Pinillos Martin e procedente de Inglaterra, trazendo a bordo grande quantidade de algodão. Os prejuizos são consideraveis.

Salamanca — No domingo passado realizou-se uma reunião dos elementos liberaes, resolvendo-se pedir ao parlamento para que fosse approvada com urgencia a lei das associações religiosas.

Os manifestantes protestaram contra a deliberação em contrario da Camara Municipal indo esperar a saida os vereadores, a quem dirigiram os maiores insultos, e por fim apedrejando-os.

Vigo — Ancorou neste porto uma esquadra ingleza commandada pelo almirante Wilson, composta de 11 couraçados e quatro cruzadores.

La Palma — Suicidou-se, disparando um tiro na cabeça, Juan Lopes Calle, de 21 annos, muito estimado pela sua excellente conducta.

Gusman Blanco

Parricidio:

O *Daily Express* recebeu um telegramma do seu correspondente em Nova York, contando que a filha de um pastor protestante matára o pae, na vespera do casamento. Presa a livre cidadã da America, declarou na policia que assim procedera porque seu pae, um beberrão emerito, maltratava cruelmente sua mãe e se oppunha ao seu casamento com o escolhido do seu coração. Na vespera do casamento, seu pae provocou nova scena com sua mãe, insultando-a desabridamente.

— Esteve mesmo a ponto de a espancar — continuou ella — quando eu, lembrando-me dos annos de soffrimento, senti subir por mim acima uma onda de indignação, e, apontando o revólver á cabeça, pedi-lhe que não batesse na minha mãe. Insultou-me e eu, sem saber o que fazia, disparei-lhe quatro tiros, uns atrás dos outros.

Os emprezarios e os criticos

Os actores do theatro nacional de Klansenbourg, na Hungria, pediram ha tempos ao seu emprezario augmento de ordenado, sendo a sua pretenção patrocinada por um critico que, no seu jornal, advogou com calor a causa dos comediantes.

Não gostou o emprezario dessa attitude e principiou a hostilizar por todos os modos o jornalista. Ha dias, no decurso duma representação, o publico, vendo entrar o critico, fez-lhe uma extraordinaria ovação, assobiando o emprezario, que se achava no seu camarote. Esta manifestação deu logar a um conflicto espantoso.

Os admiradores do critico e os partidarios da empreza, depois de se injuriarem reciprocamente, aggrediram-se com violencia. O tumulto foi enorme. Intervindo a policia, o publico foi posto fóra da sala á bordoada, ficando muitos espectadores feridos. A sala ficou num deploravel estado. As portas envidraçadas voaram em pedaços e das cadeiras não ficou uma direita. Os estragos foram taes que o theatro teve de estar fechado uns dias para se fazerem os indispensaveis reparos.

Pobre emprezario! Afinal, é elle quem tem de pagar os prejuizos.

Carta de Paris

Paris, 20 de dezembro

Nas ante-vesperas do Natal — O dia do Menino Jesus em Paris — Os «reveillons» festivos — O fim das missas do Gallo — Na Academia Franceza — Discursos de immortaes — Ribot e Deschavel — Uma conferencia sobre os modernos poetas brasileiros — O esperanto — O progresso de uma lingua artificial — Na Sorbonne — Pelo monumento de Jules Ferry — Irritantes questões — O cardeal de Paris expulso — A lei da separação — Perseguição.

Estamos nas ante-vespera do *Christmas*, da bella e santa festa christã que enche de alegria todas as familias e, sobretudo, os loiros *bébés*. Nos *boulevards* principiaram a apparecer as infectas barracas Collet, as chamadas barracas do fim do anno, horriveis, de madeira, onde se vendem os brinquedos novos, as *sciés* ultimas, as descobertas mais sensacionaes dos *camelots*. E por toda a parte os bilhetes postaes de *bonne année*, saccos de *bonbons*, presentes de festa.

Apenas o que não é verdadeiramente agradavelmente, — oh! não — é o frio que ha mais de uma semana nos regela. Atravessamos um periodo siberiano. Andamos a tremer com a nortada gelida. Não ha *grogs* nem fogões que nos aqueçam. E o frio cortante atravessa o nosso grosso *pardessus* forrado de pelles. Saudosamente, na nossa imaginação, pensamos nos leitores que neste momento passeiam na Avenida Central, gozando o esplendor do sol e sentimos um infinito desejo de no aero-plano de Santos Dumont atravessar os espaços e galgar o Oceano para nos aquecermos aos raios luminosos do astro resplandescente que abraça a vasta e bella capital brasileira.

Neste momento, emquanto mal alinhavamos esta chronica parisiense, o thermometro marca tres gráos abaixo de zero! Nas ruas, a multidão passa a correr. Ninguem ousa tirar as mãos dos bolsos ou retirar o nariz dentre as golas altas dos sobretudos forradas que escondem mesmo as orelhas dos friorentos parisienses.

Oh, o punhal agudo do frio! Parece nos golpear a alma...

E o que dizer da immensa desgraça, da enorme miseria, desses cem mil infelizes que não têm onde dormir, que se estendem sob as pontes, debaixo dos bancos de *squeres*, ao longo dos *trottoirs* dos bairros desertos. No dia seguinte, são elles, esses sem-lar e sem-pão que a policia encontra fulminados pelo frio e que vão depois dormir o ultimo somno na valla commum do cemiterio de Saint Ouen de Bagneux, após um descanso de algumas horas na *Morgue* sinistra.

Para esses desgraçados prepara a Morte o ultimo *réveillon* tragico, sem Menino Jesus e sem missas do Gallo. De resto, este anno, por causa do conflicto religioso, não teremos as famosas e pittorescas missas da meia-noite. O cardeal-arcebispo de Paris e todos os outros prelados da França enviaram circulares ao clero prohibindo essas solemnidades cultuaes, afim de evitar escandalos e tumultos em que a autoridade poderia intervir.

A separação deu-nos já esse resultado bem desagradavel: o fim da *missa do Gallo*!

***

Hontem na Academia Franceza houve um duello de eloquencia parlamentar. Ouvimos dois admiraveis discursos de dois homens politicos que são honra e gloria da tribuna franceza. O sr. Ribot leu o elogio do academico morto que substituia, o historiador Duque d'Audriffret-Pasquier; respondendo-lhe com a mesma pureza, dedicação e eloquencia admiravel, o sr. Paul Deschavel, um immortal recentemente eleito e vulto politico de primeira grandeza.

O sr. Ribot, com a sua bella cabeça de tribuno, a sua barba branca de apostolo, correctamente, sem *pose*, mas com a devida e quente emoção de quem toma a responsabilidade de um grande acto, conquistou logo a sympathia geral, apenas entrou no salão grave e pesado do Instituto, cercado pelos academicos, entre os dois padrinhos que reclama a tradicção.

O seu discurso sobre o duque extincto foi modelar, traçando com mão de mestre, a historia da vida politica de Audiffret-Pasquier, que, inimigo do imperio antes de 1870, foi comtudo, após a derrota de Sedan, um paladino das instituições mortas. Esse velho, pela sua educação, pelo seu espirito, fôra um parlamentar modesto, apologista da Carta Constitucional e da Concordata, querendo — pobre e inoffensivo sonhador! — contrabalançar o direito dos principes com o direito dos povos. O sr. Ribot, que é um parlamentar conservador e republicano moderado, conciliando a liberdade e autoridade, fez a historia dessa figura austera e apagada, sem destaque e sem violencias, que foi o duque d'Audriffret-Pasquier.

A segunda parte do discurso do novo academico foi uma verdadeira conferencia de philosophia politica que agradou muito á maior parte dos immortaes presentes, homens em extremo moderados, doutrinarios do liberalismo constitucional, genero Meline, isto é, agua-de-rosas!

O sr. Ribot tentou rehabilitar os moderados do centro-esquerdo, que demonstraram tanta importancia na questão Dreyfus como noutras em que se debateram os altos interesses da patria.

Mas Paul Deschavel, com um tacto muito subtil, em phrase brilhante e castigada, respondeu ao sr. Ribot. E francamente, não sabemos qual dos dois conseguiu melhor deslumbrar o auditorio. O ex-presidente da camara não é um parlamentar da extrema-esquerda, nem um violento, e muito menos um exaltado, mas não vê as coisas com o pessimismo do sr. Ribot. E', pelo contrario, um optimista.

Crê no triumpho de todos os idéaes democraticos e não acredita no recúo da democracia.

Pelo contrario. Nunca a Republica se encontrou mais livre de perigo, mais segura, mais cheia de vida.

Ha muito tempo que no recinto augusto dos immortaes se não falava tanto de politica. Mas de que se devia ter falado numa recepção do sr. Ribot, e na resposta obrigada de um outro parlamentar de marca que é Paul Deschavel, — o Benjamin dos moderados!

***

Em pleno centro do bairro latino, a poucos passos do Odeon, na classica terra escolar, creou-se a mezes uma associação destinada a profundos resultados num porvir talvez proximo. Queremos falar da *Société Literaire Artistique Latino-Americaine* que conta na lista de seus membros ... tantos nomes illustres das ... sul americanas de Paris.

Quem escreve estas linhas ... honra de presidir a tão gloriosa ... pamento e foi escolhido pelo ... directivo para abrir a serie de ... rencias emprehendidas por esta ... dade literaria, com um estudo sobre os poetas modernos do Brasil. A ... *serie* annunciada hoje na imprensa parisiense deve tratar de todos ... tores da lyrica brasileira: Coelho Netto, Bilac, Raymundo Corrêa, ... modernissimos que se affirmam com tanto brilho nas paginas das ... das capitaes estaduaes, tanto em S. Paulo como no Pará, na Bahia como em Pernambuco e Paraná. E a segunda vez que numa tribuna academica de Paris falamos da brillante e ... ravel musa brasileira.

No anno findo foi no salão da Universidade Popular da Cooperação das Idéas, e hoje é no salão ..., em pleno bairro das escolas.

***

Continúa a discussão fóra e dentro das Academias, sobre a lingua do futuro.

Será o *esperanto*? será a lingua azul? será o pan-romano? será a lingua-homem? será o mundo ...? será o sine-fluxione? que de linguas! Nem na torre de Babel poderá haver tamanha confusão...

O pacifista Gaston Moch, partidario do *esperanto*, acaba de publicar um estudo muito interessante no *Courrier Européen* sobre o futuro da lingua internacional e universal.

Basta dizer que em Paris existem cincoenta e tantos cursos de esperanto e o boletim esperantista tem uma tiragem de 80 mil exemplares.

O esperanto saiu do periodo da elaboração e entrou no da applicação fecunda e justa. Existem na Europa 503 sociedades e clubs de esperantistas e a lingua inventada pelo dr. Zamenhof é hoje conhecida em 32 paizes do mundo inteiro.

Em Paris, o esperanto conquistou a sympathia do publico. Ninguem mais contesta a creação de uma lingua internacional por methodos artificiaes.

***

A chronica de hoje, — leitor amigo — é um longo, interminavel e extenso relato de festas e conferencias. E como assim, não podemos deixar de falar da bella manifestação de saudade e preito respeitoso á memoria de Jules Ferry que hontem assistimos na Sorbonne. Todas as tribunas, o amphitheatro, corredores e bancadas superiores, tudo estava repleto de espectadores que delirantemente saudaram com estrondosos bravos as orações eloquentes de Buisson, de Liard, de Viviani, ministro do trabalho, e do presidente da Republica, o sr. Fallières que fechou com chave de ouro a serie de discursos.

Tambem nós vamos fechar esta chronica, não com uma apotheose, mas com uma nota triste! Lastimamos a phrase aguda e irritante em que actualmente se encontra a questão religiosa, a luta do governo, espicaçado pelos jacobinos, contra a egreja.

Causou-nos realmente pena ver expulso do paço episcopal um bom e santo velhinho que é o cardeal Richard. Por isso louvamos a população catholica de Paris, que conduziu em triumpho a victima dos odios anti-clericaes desde o palacio sacerdotal até ao palacio da rua da Babylonia, tão generosamente cedido ao venerando prelado pelo deputado Denys Cochin.

O governo entrou em máo caminho querendo perseguir a egreja. O catholicismo tem quinze seculos de existencia e não será o sr. Clemenceau nem o sr. Briane que poderão por meio de decretos destruir uma obra tão profundamente cimentada na alma de duzentos milhões de crentes.

Xavier de Carvalho

Duas moedas de cobre de alto valor.

Foram adquiridas recentemente em uma venda, em Londres, duas moedas de cobre rarissimas: uma, do valor de um centesimo, por 250 francos; outra, do mesmo valor, por 212 francos e 50 centesimos.

A primeira datava do tempo de Olivier Cromwell; a segunda, do reinado de Carlos II.

AINDA GAMBETTA

A prohibição da sra. Léris-Gambetta da publicação das cartas de seu irmão, explica-se com a noticia da morte de Léonie Leon, que foi a *assidua companheira* do grande tribuno e de quem, teria feito sua mulher si ella quizesse.

Assegura-se até que ia legitimar essa situação quando, se feriu mexendo descuidadamente num revólver.

A lenda diz que o ferimento foi devido ao pretender desarmar Léonie Leon, que se queria suicidar.

A serio não se póde discutir esta affirmativa desde que faltam documentos e testemunhas.

E' um mysterio que nunca será esclarecido.

O que se sabe, é que Gambetta a conheceu em 1871, que era uma mulher intelligente, mas de belleza vulgar, que o dominou pelo talento e pelo coração e são della estas palavras:

— Um chefe do governo, quem sabe se um chefe do Estado, não deve nunca apresentar como mulher aquella que foi sua amante.

Dessa ligação nasceu um filho; morreu na Allemanha alguns annos depois do pae, e era estudante numa faculdade. Os amigos de Gambetta, não se sabe porque, negaram essa paternidade, sustentando sempre que a creança, que o antigo deputado por Paris mandara educar, era simplesmente sobrinha de Léonie. São precauções e negações tão inuteis como pueris.

O caso é que o celebre homem de Estado tinha por habito escrever as suas impressões diarias á amante, e nessas cartas, especie de *memorias*, traçadas com a liberdade familiar das confidencias, os homens e os acontecimentos são apreciados, discutidos e julgados com uma sinceridade que chega ás vezes a ser cruel. Receia-se, pois, a sua publicação, e dahi a nota prohibitiva. Os amigos de Gambetta tratam de obter esse maço de cartas de um interesse capital para a historia anedoctica da terceira republica. A precaução é inutil, porque dellas ha tres cópias em poder de diversas pessoas.

Léonie Leon tornou-se muito melancholica nos ultimos annos; não tinha fortuna e Gambetta nada lhe deixara, devido á negligencia de fazer testamento; na vespera do funeral fôra obrigada a deixar as Jardies, com a simples mala de mão. Os amigos de Gambetta, que eram ricos, quotizaram-se para lhe constituirem annuidade de uma dezena de mil francos. A pobre senhora retirara-se para Auteuil, a uma casinha muito modesta da avenida Perrichont.

Acompanharam-lhe o enterro umas dez pessoas. Desde que o filho lhe morrera, nunca mais consentira que se abrissem as janellas que olhavam para a avenida.